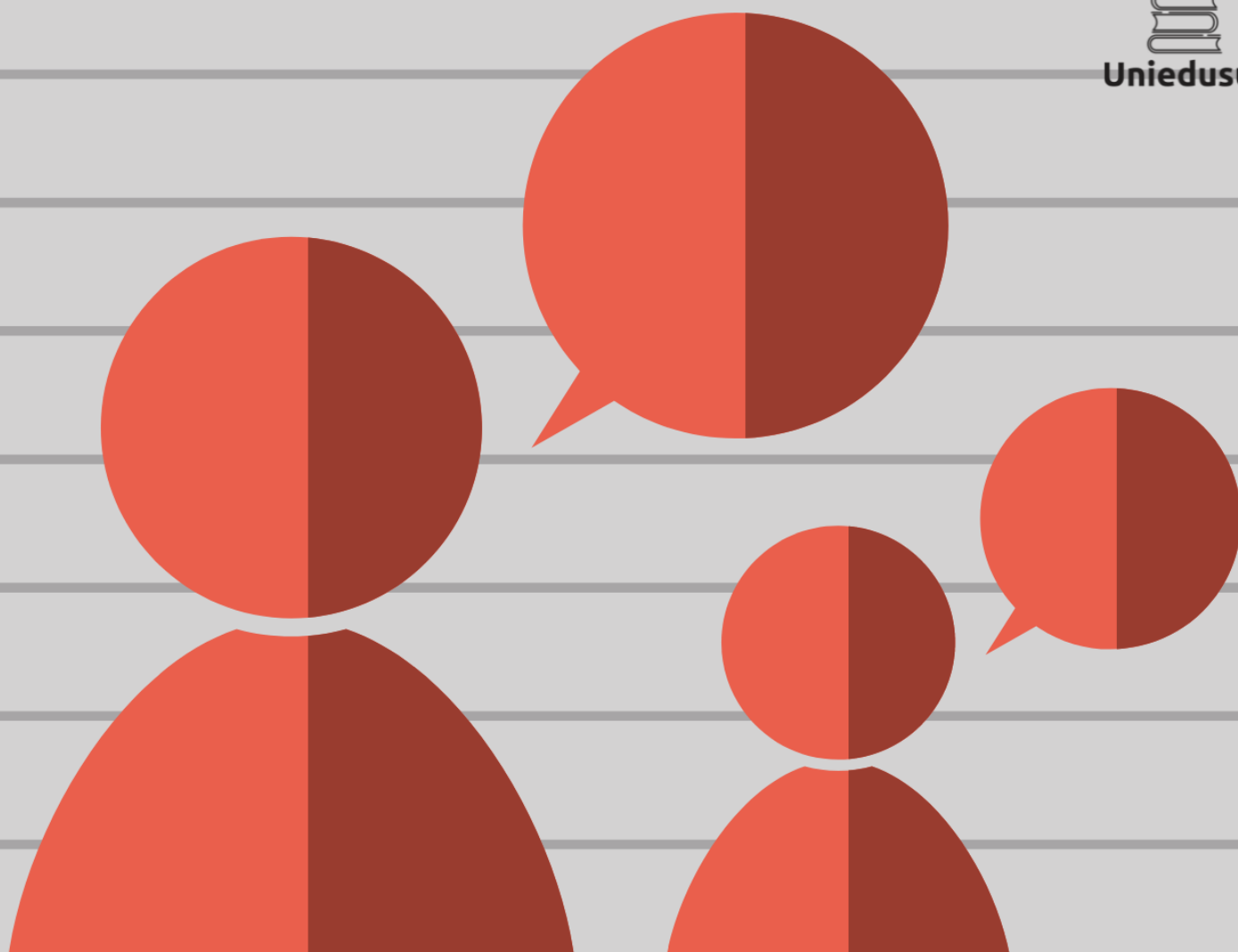
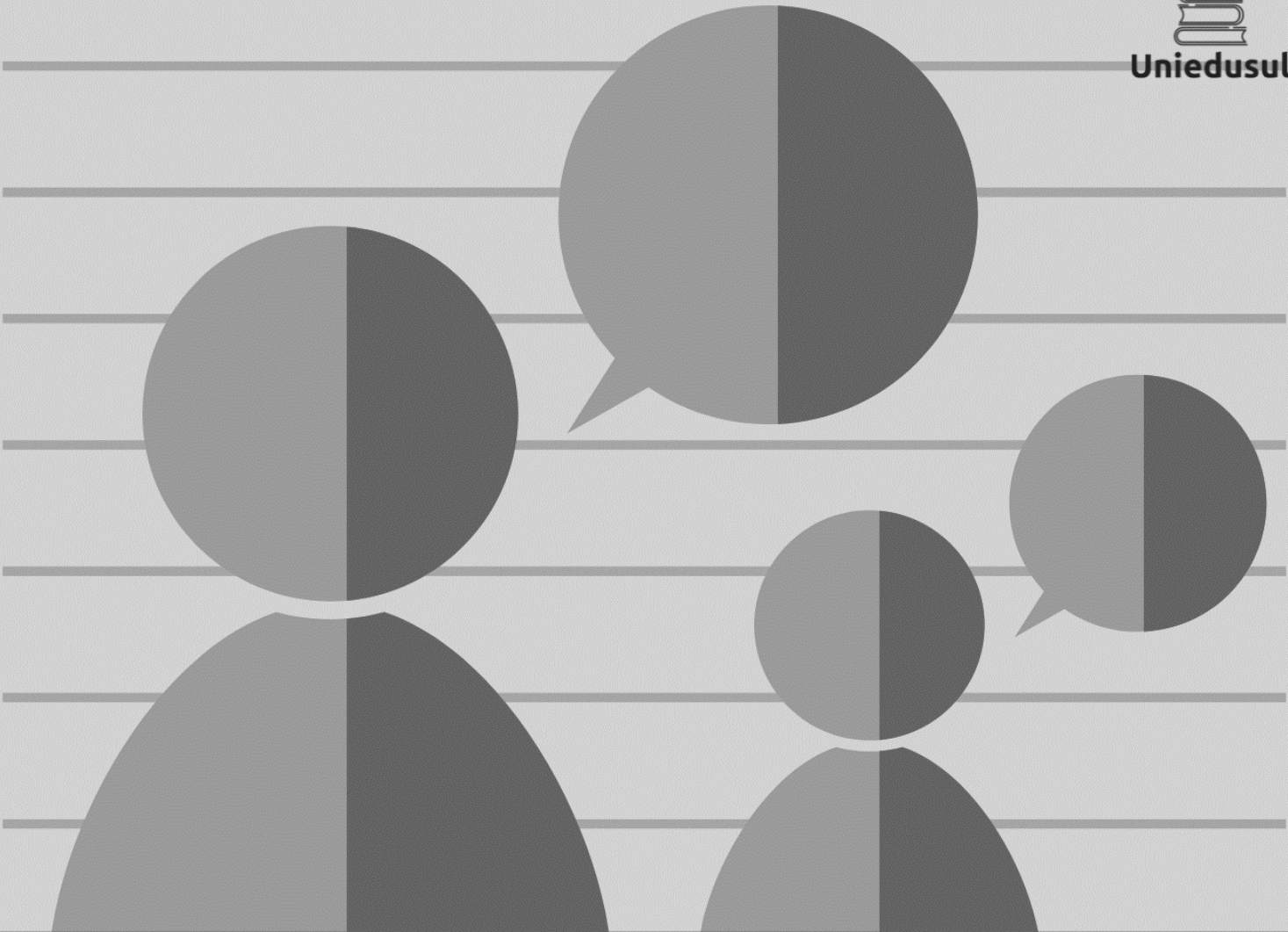




INTERDISCURSOS DA LINGUAGEM E DA LITERATURA:

SABER MAIS PARA DIALOGAR MAIS

**FRANCISCA VILANDIA DE ALENCAR
NAYARA COSTA GUIMARÃES
ORGANIZADORAS**



INTERDISCURSOS DA LINGUAGEM E DA LITERATURA:

SABER MAIS PARA DIALOGAR MAIS

FRANCISCA VILANDIA DE ALENCAR
NAYARA COSTA GUIMARÃES
ORGANIZADORAS

2022 Uniedusul Editora
Copyright dos autores
Editor Chefe: Profº Me. Welington Junior Jorge
Diagramação e Edição de Arte: Uniedusul Editora
Revisão: Os autores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I61 Interdiscursos da linguagem e da literatura [livro eletrônico] : saber mais para dialogar mais / Organizadoras Francisca Vilandia de Alencar, Nayara Costa Guimarães. – Maringá, PR: Uniedusul, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-80277-85-8

1. Interdisciplinaridade. 2. Linguagem. 3. Literatura. I. Alencar, Francisca Vilandia de. II. Guimarães, Nayara Costa.

CDD B869

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Permitido fazer download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.uniedusul.com.br

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Francisca Vilandia de Alencar é mestranda em História pela Universidade Estadual de Goiás (UEG-PPGHIS), bolsista Demanda Social Capes, Mentora Acadêmica, bacharel em Direito, advogada (OAB/CE), especialista em docência do ensino superior, pós-graduada graduada em Direito Penal e Criminologia e pós-graduada Direito Privado e a Nova Advocacia. Desenvolve a atividade docente há mais de 8 anos e atualmente é professora no curso online Você Rumo ao Mestrado divulgado através do instagram @academicaproducao. E-mail: vilandiaalencar01@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2655669818477435>

Nayara Costa Guimarães é Mestranda em História pela Universidade Estadual de Goiás (UEG); graduada em Letras pela Universidade Estadual de Goiás (2013), especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (2017), graduada em inglês até o nível avançado, professora efetiva de Língua Portuguesa do município de Caldas Novas. Atualmente professora da Secretaria de educação de Caldas Novas. Participou do curso de extensão Educação e tecnologia: tópicos introdutórios da Universidade Federal de Catalão que tem por objetivo conduzir com equidade as aulas remotas durante a pandemia e fomentar um olhar para as desigualdades que os alunos têm vivido. Desenvolve pesquisas com ênfase nas desigualdades sociais e precarização do direito ao acesso à educação. E-mail: nayaraguimaraes_22k@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4270275853305090>

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....	06
O ESTUDO DO ESPAÇO EM UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES DE CLARICE LISPECTOR	
Nayara Costa Guimarães	
Anny Saniely Pereira da Silva	
José César Peixoto Gomes	
Leidiane Pinto dos Santos	
Suelane da Silva Ferreira	
doi: 10.51324/80277858.1	
 CAPÍTULO 2.....	 33
POR UM MODELO PEDAGÓGICO DE ENSINO QUE RESPEITE AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS	
Suelane da Silva Ferreira	
Cláudia Sousa Melo e Silva	
Valdirene da Silva	
Marislania de Oliveira Silva	
Angela de Castro Mota	
Jaqueline de Araújo Silvestre Batista	
doi: 10.51324/80277858.2	
 CAPÍTULO 3.....	 47
A MÚSICA COMO RECURSO NEURODIDÁTICO DE ENSINO APRENDIZAGEM	
Jaqueline de Araújo Silvestre Batista	
Suelane da Silva Ferreira	
Nayara Costa Guimarães	
Cláudia Sousa Melo e Silva	
Valdirene da Silva	
Marislania de Oliveira Silva	
doi: 10.51324/80277858.3	

Capítulo 01

O ESTUDO DO ESPAÇO EM UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES DE CLARICE LISPECTOR

NAYARA COSTA GUIMARÃES¹

ANNY SANIELY PEREIRA DA SILVA²

JOSÉ CÉSAR PEIXOTO GOMES³

LEIDIANE PINTO DOS SANTOS⁴

SUELANE DA SILVA FERREIRA⁵

INTRODUÇÃO

O referente trabalho consiste no estudo do espaço em Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres de Clarice Lispector. Segundo Otto Friedrich Bollnow, “O lar é um espaço onde o ser se refugia, onde ele se encontra, ou seja, a casa é o centro do mundo.” (BOLLNOW, 2008, p.133), ou seja, o espaço da habitação é referência para o ser humano. “Na imaginação, o eu inundava o espaço que me cercava e no centro do qual caminhava. (Vivia numa imensidão inventada” BACHELARD, 2008, p.211), assim é através do espaço é que encontramos o caminho a seguir e vivemos em constantes elucubrações.

O livro relata uma história de amor, entre Lory e Ulisses como tal há a aprendizagem do desamor e da busca de esta tornar-se digna de ser amada. Ulisses é professor de filosofia e Lóri, professora de pedagogia. Eles são aqueles que ensinam, mas ao se encontrar percebem que há muito que aprender para poder encontrar-se consigo mesmo e um com o outro, terem uma relação em que as defesas e os medos são abandonados para se amar. No encontro consigo mesma. Clarice liberta a mulher que, consciente de sua libertação, começa uma viagem ao seu eu.

¹ Mestranda em História pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4270275853305090>

² Bacharel em Direito pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5259899061679831>

³ Graduando em Gestão de Recursos Humanos pela Estácio. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7166291604305651>

⁴ Graduada em Odontologia pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5646827315263330>

⁵ Graduada em Letras pela Universidade Regional do Cariri. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3950933045214514>

Em um primeiro momento, Lóri é guiada e orientada por Ulisses; contudo, ela percebe que precisa estar só e assim ir ao encontro dele. Ou seja, Lóri precisa da busca de si mesmo, amar a si mesma, se enxergar para ver o mundo e reconhecer seu espaço.

No entanto, o espaço em que essa personagem se encontra é um apartamento e a escola na qual vive solitária, porém quando encontra Ulisses ela auto se descobre como ser humano fazendo o uso do tempo psicológico e cronológico e enfatizando o espaço que ela está inserida na sociedade.

Dito isto, o interesse por esta pesquisa surgiu quando eu ainda estava no ensino médio na leitura de uma aprendizagem ou livro dos prazeres de Clarice Lispector em que a escritora nos revela temas como autoconhecimento do ser, solidão e as aprendizagens impostas pelo mundo.

Nossa metodologia é com base em estudos bibliográficos, pesquisas de conceitos sobre o espaço. Pretendemos utilizar autores que definam a importância do espaço. O referido projeto será baseado em estudos das obras de Clarice Lispector, Otto Friedrich Bollnow, Gaston Bachelard.

No primeiro capítulo abordamos a teoria dos espaços por autores como: Gaston Bachelard, Otto Friederick Bollnow, estudiosos que fazem uma esplêndida análise dos espaços vivenciados pelos indivíduos. Que fazem referência e influência no modo de pensar e agir dos indivíduos através do espaço que estes estão inseridos.

O segundo capítulo faz referência aos aspectos gerais das críticas feitas por alguns escritores na obra de Clarice Lispector Uma aprendizagem ou o Livro dos prazeres, enfatizando e comparando alguns romances anteriores a esta obra.

Em seguida, o terceiro capítulo é delimitado a análise do livro Uma aprendizagem ou o livro dos Prazeres que tematiza a aprendizagem e o caminho percorrido por Lóri, para encontro com seu homem amado. Um encontro de corpo e alma, na dialética da dor de ser, autoconhecimento, solidão e muita alegria. E então nesse contexto será analisado os espaços que Lóri e Ulisses estão inseridos a princípio o espaço concreto, logo após a casa como corpo e por último a imensidão íntima da personagem. Portanto é visível que todos estes espaços são determinantes para suas escolhas e sentimentos.

ESTUDO DO ESPAÇO SEGUNDO ALGUNS TEÓRICOS

Neste capítulo, objetiva-se apresentar os principais conceitos teóricos para o desenvolvimento deste trabalho. Diante disso, é necessária uma abordagem que situe o

espaço dentro da obra de Clarice Lispector, para que possamos compreender sentidos importantes da narrativa Clarice.

Assim, nessa pesquisa, pressupomos um fator primordial: o meio geográfico inserido na obra de modo determinante. No entanto, iremos abordar importantes filósofos para definir o homem como ser que ocupa um lugar determinante no mundo. Por meio deste embasamento, será feita uma análise espacial do livro de Clarice Lispector *Uma aprendizagem* ou *O livro dos prazeres*, enfatizando o espaço vivido pelos personagens, e a partir disso definir o espaço destes indivíduos em sua luta para a conquista de um mundo cheio de utopias, sonhos, solidões em suas relações amorosas. Assim podemos citar o teórico Gaston Bachelard que acredita que:

[...] A casa é, primeira vista um objeto rigidamente geométrico. Somos tentados a analisá-la racionalmente. Sua realidade inicial é visível e tangível. [...] Tal objeto geométrico deveria resistir a metáforas que acolhem o corpo humano, a alma humana. Mas a transposição para o humano ocorre de imediato, assim que encarmos a casa como um espaço de conforto e intimidade, como um espaço que deve condensar e defender a intimidade. (BACHELARD, 2008, 63-64).

Diante disso, podemos dizer que a casa não é só um lugar de moradia do homem, mas também é olhado como descrição de sentimentos de um indivíduo que habita aquele determinado espaço. Assim é neste local que podemos projetar nossas emoções individuais para nos refugiar de nossos medos e tristezas que a vida nos impõe. Pois é nesse espaço que nos sentimos seguros para desabrochar nossas intimidades.

A CONCEPÇÃO DO ESPAÇO SEGUNDO GASTON BACHELARD

Podemos afirmar que a casa não pode ser olhada de forma separada do ser que nela habita, pois o mesmo está em completa ligação um com o outro, porque o espaço em que se está inserido é determinante em suas ações e pensamentos. E assim podemos citar Bachelard que postula que, [...] “A casa e o universo não são simplesmente dois espaços justapostos. No reino da imaginação, ambos se atiram reciprocamente em devaneios opostos [...]. (BACHELARD, 2008, p.59) e no mesmo sentido afirma “Então, se mantivermos o sonho na memória, se ultrapassarmos a coleção das lembranças precisas, a casa perdida na noite dos tempos sai da sombra, parte por parte. Nada fazemos para reorganizá-la. Seu ser se reconstitui a partir de sua intimidade, na doçura e na imprecisão da vida interior.” (BACHELARD, 2008, p.71).

A casa é colocada como a integração do homem entre o pensamento e suas atitudes e lembranças e assim esta torna-se um abrigo. Como ressalta Bachelard “[...] a

casa é uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem” (BACHELARD, 2008 p. 26). “[...] a seus abrigos de solidão associam-se o quarto, a sala [...]” (BACHELARD, 2008, p. 32).

A partir de nossa casa, criamos um local particular, no qual depositamos nossa consciência e onde ficamos sozinhos para abrigar nossos sonhos e utopias, para relembramos do passado em que, às vezes, pesamos que perdemos. Assim postula Bachelard:

[...] a casa natal é um centro de sonhos. Cada um de seus redutos foi um abrigo de devaneio. E o abrigo não raro particularizou o devaneio. Foi aí que adquirimos hábitos de devaneio particular. A casa, o quarto, o sótão onde ficamos sozinhos dão os quadros de um devaneio interminável, de um devaneio que só a poesia, em uma obra, poderia concluir, realizar. Se atribuirmos a todos esses retiros sua função, que foi a de abrigar sonhos, pode-se dizer [...] que existe para cada um de nós uma casa onírica, uma casa de lembrança-sonho, perdida na sombra de um passado verdadeiro. (BACHELARD, 2000, p.34).

Diante disso, a casa é o esconderijo da vida alada, pois estamos em intimidade com nosso subjetivo principalmente no inverno e assim do lado de fora da casa os caminhos tornam-se sinuosos e embaralhados “na casa, tudo se diferencia, se multiplica. Do inverno, a casa recebe reservas de intimidade, delicadezas de intimidade.

No mundo fora da casa, a neve apaga os passos, embaralha os caminhos, abafa os ruídos, mascara as cores.” (BACHELARD, 2008, p. 57). “O inverno evocado é um reforço da felicidade de habitar. No reino da imaginação, o inverno relembrado aumenta o valor da habitação da casa (BACHELARD, 2000, p. 57).

Dessa forma, do inverno, “a casa recebe reservas de intimidade, delicadezas de intimidade” (BACHELARD, 2000, p. 57). O habitar é antitético ao mundo, pois os espaços em que residimos encontram em devaneios opostos e em dualidades de emoções. A casa representa o aconchego, a intimidade e a reserva, já o mundo representa o perigo e as frustrações de uma humanidade pura que atenua seus sentimentos de ambos os locais que eles estão inseridos.

“[...] A casa e o universo não são simplesmente dois espaços justapostos. No reino da imaginação, ambos se atiram reciprocamente em devaneios opostos” (BACHELARD, 2008, p. 59). “E a casa, contra esta matilha que pouco a pouco se desencadeia, torna-se verdadeiro ser de uma humanidade pura, o ser que se defende sem jamais ter a responsabilidade de atacar” (BACHELARD, 2008, p. 61).

É do universo que surgem as agressões, ódios e tempestades ferrenhas que são impostas pelo mundo e a casa é a própria defesa do ser humano que o guarda com o ar maternal. Assim postula Bachelard:

A casa lutava bravamente. A princípio ela se queixava; as piores rajadas a atacaram de todos os lados ao mesmo tempo, com um ódio nítido e tais urros de raiva que, durante alguns momentos, eu tremi de medo. Mas ela resistiu. Quando começou a tempestade, ventos mal-humorados dedicaram-se a atacar o telhado. Tentaram arrancá-lo, partir-lhe os rins, fazê-lo em pedaços, aspirá-lo. [...] Tudo se vergou ante o choque impetuoso, mas a casa, flexível, tendo-se curvado, resistiu à fera. Sem dúvida ela se prendia ao solo da ilha por raízes inquebrantáveis, e por isso suas finas paredes de pau-a-pique tinham uma força sobrenatural. [...] A casa apertou-se contra mim, como uma loba, e por momentos senti seu cheiro descer maternalmente até o meu coração. Naquela noite ela foi realmente minha mãe. (BACHELARD, 2008, p. 61).

A casa é olhada pelas pessoas como um local apenas, ou seja, uma moradia, mas se analisarmos na realidade esta contém traços da alma humana, exalando a intimidade e o conforto de cada pessoa que se encontra inserida naquele espaço. Sobre essa temática Bachelard afirma que:

[...] A casa é, a primeira vista um objeto rigidamente geométrico. Somos tentado a analisá-la racionalmente. Sua realidade inicial é visível e tangível. [...] Tal objeto geométrico deveria resistir a metáforas que acolhem o corpo humano, a alma humana. Mas a transposição para o humano ocorre de imediato, assim que encarmos a casa como um espaço de conforto e intimidade, como um espaço que deve condensar e defender a intimidade [...] (BACHELARD, 2008, p.63-64)

Em nossa casa, colecionamos nossas lembranças vividas que, às vezes, é perdida pelo tempo ou pela escuridão da vida. E então para organizarmos nossas lembranças e intimidades, é necessário se voltar para casa interior. Bachelard postula que:

Então, se mantivermos o sonho na memória, se ultrapassarmos a coleção das lembranças precisas, a casa perdida na noite dos tempos sai da sombra, parte por parte. Nada fazemos para reorganizá-la. Seu ser se reconstitui a partir de sua intimidade, na doçura e na imprecisão da vida interior. (BACHELARD, 2008, p.71).

Assim, podemos dizer que a partir de nossa identidade e cuidado reconstruímos nosso mundo e habitação. “Quando um sonhador reconstrói o mundo a partir de um objeto que ele encanta com seus cuidados, convencemo-nos que tudo germe na vida de um poeta”. (BACHELARD, 2008, p.82).

Conforme Bachelard, “O mundo é o ninho do homem”. (BACHELARD, 2008, p.116). Partindo desta visão, o ninho é metaforicamente a casa que tem como função o habitar. Assim, este espaço tem para o ser humano os regressos e ausências vividas pelo grande ritmo da vida, pois a casa é representante do íntimo humano. Assim, Bachelard afirma:

A casa-ninho nunca é nova. Poderíamos dizer [...] que ela é lugar natural da função de habitar. Volta-se a ela, sonha-se voltar como o pássaro volta ao ninho, como a ovelha volta ao aprisco. Esse signo da volta marca infinitos devaneios, pois os regressos humanos acontecem de acordo com o grande ritmo da vida humana, ritmo que atravessa os anos, que luta pelo sonho contra todas as ausências. Nas imagens aproximadas do ninho e da casa repercute um componente íntimo de fidelidade. (BACHELARD, 2000, p. 111).

Conforme Bachelard, a casa é a confiança que o mundo deposita nos seres humanos e nos animais, e é a partir deste ninho que encontramos o abrigo de nossa própria imaginação e impulso de nossos medos, defesas e enfrentamentos.

Assim, contemplando o ninho, estamos na origem de confiança do mundo, recebemos um aceno de confiança, um apelo à confiança cósmica. O pássaro construiria seu ninho se não tivesse seu instinto de confiança no mundo? Se escutamos esse apelo, se fizermos desse abrigo precário que é o ninho – paradoxalmente, sem dúvida, mas sob o próprio impulso da imaginação – um refúgio absoluto, voltaremos às fontes da casa onírica (2008, p.112).

Segundo Bachelard, “A fenomenologia que quer viver as imagens da função de habitar não deve entregar-se as seduições das belezas exteriores. Em geral, a beleza exterioriza, incomoda a meditação da intimidade”. (BACHELARD, 2008, p.119).

Partindo deste conceito, é necessário que não nos entreguemos as belezas exteriores, pois estas ofuscam nossa visão e alienam nossa intimidade. Entretanto, se formos enfatizar uma simples imagem, ou seja, a janela, esta abre o mundo através do imaginário do ser, mas aprendemos que a partir dela, encontramos grandes limitações para o exercício humano de existir fora de casa. Bachelard nos diz que:

[...] Uma simples imagem, se for nova, abre um mundo. Visto das mil janelas do imaginário, o mundo é mutável. Ele renova assim o problema da fenomenologia. Resolvendo os pequenos problemas, aprendemos a resolver os grandes. Limitamo-nos a propor os nossos exercícios no plano de uma fenomenologia elementar. Aliás estamos convencidos de que nada há de insignificante na vida humana. (BACHELLARD, 2008, p.143).

Ao fazermos uma análise dos cantos da casa, “A consciência de estar em paz em seu canto propaga, por assim dizer; uma imobilidade. [...] As sombras logo se tornam paredes, um móvel é uma barreira, uma tapeçaria um teto” (BACHELARD, 2008, p.146). Diante disso, podemos dizer que o canto é negação do mundo, pois lembramos apenas de nossos sonhos e silêncios que estão contidos em nossa mente. “Cantos oferecem ao redor de quem ali está imagens simples, “por vezes, quanto mais simples é a imagem, maiores são os sonhos” (BACHELARD, 2008, p.146).

A CONCEPÇÃO DO ESPAÇO SEGUNDO OTTO FRIEDERICK BOLLNOW

Em seu livro *O homem e o espaço*, Bollnow relata que “somente no habitar o homem atinge a realização de seu verdadeiro ser” (BOLLNOW, 2008, p.136). A partir disso, podemos constatar que o homem está enraizado na sua habitação, é através desta que organizamos o nosso ser.

Diante disso, a habitação é nosso abrigo e nossa proteção e nos previne das ameaças vindas do mundo exterior. “Para que a habitação transmita a sensação de abrigo, não requer somente a proteção voltada para fora, que previne contra o invasor, mas deve ser conformada também para dentro, para que as necessidades dos habitantes sejam atendidas [...]”.(BOLLNOW,2008, p.140).

Conforme Bollnow, o mundo metaforicamente é o espaço de opressão. E este espaço oferece vários caminhos a seguir. “ [...] conhece o mundo somente como circunstância opressora.Assim, segue sendo na Terra um eterno estranho, sem ligação especial com lugar algum, sempre a caminho, mas nunca no rumo”. (BOLLNOW, 2008, p.135).

Partindo desta teoria cada indivíduo tem uma ligação expressiva com o mundo, porém este é ponderado e preso por preservar sua intimidade em sua casa. Assim qualquer sujeitoficaria abalado com a perda de sua casa, pois a moradia representa a organização de um ser em uma sociedade. Sobre essa temática Bollnow postula que:

[...] em cada casa o homem deve preservar a liberdade interior, mantendo-se capaz de deixar essa casa. Deve saber que há nele algo de último, que não pode ser abalado pela perda da casa. Chamamos isso, hoje, sua existência no sentido conciso da filosofia existencialista. Por outro lado, contudo, o conhecimento da vulnerabilidade da habitação humana e dos perigos do aprisionamento no seu próprio invólucro não dispensa o homem da tarefa de (...) nela criar a ordem de sua vida [...] (BOLLNOW, 2008, p.147).

O lar é onde o ser humano se organiza como indivíduo, assim esse espaço vivenciado é considerado como o centro do indivíduo. E então podemos constatar que a casa que se habita é o centro do mundo. Bollnow afirma que:

[...] as visões míticas nos mostram numa escala ampliada o que, de forma menor e portanto dificilmente reconhecível, também ocorre na estrutura de nosso próprio espaço vivenciado. Também este é ainda hoje referido a um centro e construído a partir de um centro, mesmo que seja mais fortemente referido ao indivíduo. É a casa que habita. Sua casa será o centro concreto de seu mundo. (BOLLNOW, 2008, p.134)

Partindo do conceito de que a casa é o centro do nosso universo, ela não serve só para proteção humana, mas também para educar o indivíduo contra os temores e a força que o mundo afirma contra estes. Assim a casa oferece o habitar aconchegante contra o mundo e sua fúria. “Inicialmente, o espaço da habitação deve parecer fechado. Se a tarefa da casa é dar ao homem refúgio em relação ao mundo exterior, então isso deve ficar patente no tipo do espaço de habitação”. (BOLLNOW, 2008, p. 161). Assim postula Bollnow:

A casa não é só proteção externa, mas um símbolo da vida humana e adquire aqui um significado educador. Ela se “tornou uma fortaleza sólida da coragem para o solitário, que deve aprender a vencer seu temor. A casa não somente lhe dispensa calor e bem-estar para dentro, mas também para fora, dá aos seres humanos a firmeza e a força para se afirmarem no mundo. “Uma tal casa [...] é uma ferramenta para oferecer o rosto ao cosmos [...]. Ajuda-”nos a dizer, a tudo e contra tudo: serei um habitante do mundo, apesar do mundo”. (BOLLNOW, 2008, p. 143).

A partir desta citação, podemos afirmar que a casa não serve somente de proteção das coisas externas, mas também como simbologia humana com um objetivo de educar para que os indivíduos tornem-se bem preparados para enfrentarem o mundo.

Conforme Bollnow “a habitação se torna a expressão da pessoa que a habita, um pedaço dessa própria pessoa que se tornou espaço” (BOLLNOW, 2008, p. 162). Assim podemos afirmar que nossa habitação é nosso próprio eu subjetivo, com identidades, culturas e histórias.

O UNIVERSO DE CLARICE LISPECTOR

Nesse capítulo, iremos discorrer sobre os aspectos gerais das críticas feitas à obra de Clarice Lispector *Uma aprendizagem* ou o *Livro dos prazeres*. Abordaremos uma comparação de alguns romances para identificarmos os traços de seus romances.

O romance é considerado irônico e é organizado por questões profundas da existência, e ainda foi considerado pelos críticos um sucesso de venda. O objetivo deste capítulo é relatar as críticas feitas à obra de Clarice, enfatizando os livros de Benedito Nunes, Olga de Sá, Vilma Arêas e Julieta Jacob, para construção de minha própria interpretação.

Benedito Nunes, em seu livro *O Dorso do Tigre*, postula que em seus livros Clarice trata da existência humana, revelando-nos a importância da construção da subjetividade:

Nos personagens de Clarice Lispector, o Eu ameaçado, contestado, fica suspenso e deixa-nos entrever a existência pura, contingente, irredutível ao controle da vontade e ao entendimento. É essa existência absurda, ameaçadora e estranha, revelando-se nos indivíduos e a despeito deles, o único fundo permanente de encontro ao quais as figuras criadas pela romancista se destacam e de onde retiram a densidade humana que as caracteriza. (NUNES, 1976, p. 121)

Diante disso, as obras de Clarice desenvolvem temas sobre a filosofia da existência “do caráter pré-reflexivo, individual e dramático da existência humana, tratando dos problemas como angústia, o nada, o fracasso, a linguagem, a comunicação das consciências [...]”. (NUNES, 1976, p. 93). E estes temas estão presentes em *Uma aprendizagem* ou o *livro dos prazeres*.

Para tanto, Nunes acredita que a angústia arrebatava o corpo, quando estamos em confronto com nossa própria existência na ação do cotidiano. O escritor ainda afirma que:

Pode o homem, através da angustia, encontrar a sua realidade de ser existente; mas é para escapar da angústia que ele se refugia no cotidiano, onde é protegido por uma crosta de palavras, por interesses fugidios e limitados, que não o satisfazem completamente e apenas disfarçam o cuidado. (NUNES, 1976, p.94).

Conforme Nunes, nos romances de Clarice Lispector o Eu, reduto da personalidade, é exteriorização do ser psíquico, ele como base da identidade pessoal dos indivíduos, cai na terra “[...] parece mais um ideal atingir, um produto de imaginação, uma meta a alcançar, do que um dado real”.(NUNES, 1976, p.119).Partindo desta constatação, é claro em Uma aprendizagem, que Lóri precisa estar só e encontra seu próprio eu para alcançar seu objetivo que é Ulisses.

Assim, um tema marcante na Obra de Clarice é a subjetividade que possui uma extensão universal e cósmica. “Isso quer dizer que a existência humana, individualmente considerada, torna-se aí apenas um aspecto ou um modo determinado da existência universal, que manifesta em todas as coisas e até nos mais humildes objetos”. (NUNES, 1976, p.122).

Em seu livro “A escritura de Clarice Lispector”, Olga de Sá enfatiza alguns temas presentes em Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres, primando por dialogar sobre a linguagem religiosa, os amores e o autoconhecimento. Assim afirma a escritora:

Neste livro, podem confirmar-se os já apontados traços bíblicos da linguagem de Clarice Lispector e as imagens da água e do mar. Uma aprendizagem orientada, desta vez por um homem, Ulisses, que embora um pouco afetado, como professor de filosofia, é o guia de Lóri; esta, como boa samaritana do evangelho, já teve cinco maridos (amantes) e não aprendera a amar. (SÁ, Olga, p.263).

Diante disso, Olga faz uma analogia com Adão e Eva no paraíso e a fruta proibida, que lá era a maçã, porém no romance é Ulisses metaforicamente representado também pela maçã: “A maçã perde aqui o seu lugar na escuridão; Lóri a contempla sobre a mesa, na sua beleza escarlate e acaba por mordê-la. Mas, ao contrário de Eva, Lóri conhece o bem não só o mal, que já conhecia antes. Em vez de ser expulsa do paraíso, é nele introduzida (SÁ, 1979, p.263).

E ainda a escritora afirma que em “Uma aprendizagem também dialoga com A Maçã no Escuro, sob forma de contraponto. Além disso, a pergunta fundamental de Lóri é a mesma de Joana: quem sou eu? Ela atravessa um longo itinerário, marcado por semana e estações, até descobrir a própria identidade. Nesse itinerário, a água e a noite são fundamentais”. (SÁ, 1979, P.263).

Para tanto, Brasil, em sua pesquisa, afirma que nos temas tratados por Clarice, a autora alcança uma profundidade de amor, que enfatiza os valores humanos com seus devaneios eutopias de ser. Assim postula Brasil:

No romance seguinte, *Uma aprendizagem* ou *O Livro dos Prazeres* (1969), Clarice Lispector parece fazer uma opção: larga toda sua pesquisa, a que já aludimos, e dos temas “profundos” parte em busca de uma “realidade” do amor, onde estariam implícitos todos os valores humanos. A sua própria linguagem sofre um retrocesso, neste sentido da pesquisa sem mais a inquirição parafilosófica da Paixão. “Assim, a linguagem se despoja também da parafernália metafórica e volta à simplicidade emotiva de um livro anterior: *O Lustre* (1946)”. (BRASIL apud SÁ, Olga, p. 61).

Olga de Sá em seu livro *A Travessia do Oposto*, começa por explicar o título do livro de Clarice Lispector “O título: O livro dos prazeres, título alternado de uma aprendizagem, lembra-nos outros sintagmas bíblicos: O livro dos Reis, O Livro dos Provérbios, O Livro da sabedoria, etc... (SÁ, 2004, p.159). Então a escritora, após explicar o título, faz uma referência a estrutura do livro, ressaltando alguns pontos de suma importância. Assim como:

O livro termina com dois pontos e inicia-se com uma vírgula. A marcação é, sobretudo, temporal: são as estações do ano, os dias e as noites, madrugadas e crepúsculo, com suas nuances de luminosidade. Clarice domina a descrição de entretons e sabe misturá-los e fundi-los com impressões diluídas, que mais revelam contornos de seres e de coisas que estados psíquicos. (SÁ, 2004, P.160)

Conforme Sá, os estados psíquicos de Lóri estavam em plenas quedas, e esta era comparada à queda de Cristo, em que este caiu várias vezes com o peso da cruz. A escritora enfatiza o significado do nome de Lóri em diversos contextos:

Seu prenome completo é: Loreley, a sereia do mar, é também Eva, a da maçã ou do fruto proibido; é Penélope, á espera de Ulisses, enquanto tece seus bordados; a samaritana do Evangelho, que tivera cinco amantes até encontrar o Amor de Cristo, junto ao poço de Jacó; a esfinge, que desafia Ulisses, “o sábio Ulisses”, professor de filosofia e de amor: “decifra-me ou devoro-te”. (SÁ, 2004, p.162 e 163).

Segundo Sá, Lóri vive momentos de epifania de ser e de conhecer o amor de Ulisses. Para Lóri existe, ao terminar sua lenta aprendizagem, o instante de plenitude. Indo ao encontro de Ulisses, a “fruta do mundo era dele”. (SÁ, 2004, p.189). “O prazer, o lado edênico do amor, é ainda desenhado por Clarice em algumas outras cenas e constitui o objeto de aprendizagem de Lóri, em *O livro dos prazeres*. Descreve-se a plenitude de ter ao próprio lado o homem amado”[...]. (SÁ, 2004, p.188). Diante disso, Lóri a todo o momento está ressaltando a plenitude que é conhecer a si própria, e de ter um homem que

a ama ao seu lado. E isso só ocorre depois que ela encontra consigo mesma e fica só para completar sua aprendizagem, em consoante com este fato, Sá nos diz que:

Não à toa sua aprendizagem é processo, e apesar do registro paródico do discurso romântico de Lóri, há também, na linguagem dessas primeiras páginas, pela economia dos pontos finais, pela continuidade das frases que quase se cavalgam umas às outras, a mesma aspiração formal ou fluxo de consciência [...]. (SÁ, 2004, p.189).

Segundo Sá, pelo caminho da banalidade, Clarice conquista certa espécie de sublimação. Poucos escritores podem fazer isto, sem cair na pieguice. Clarice pousa na felicidade um olhar de ceticismo, não porque despreze o itinerário para ser feliz. “Pelo contrário, o refaz. Ela, porém, palmilhou o caminho de volta. Sem retorno. Para ir, ela foi em texto de prazer, no prazer do texto ficção” (SÁ, 2004, p. 197).

Em seu livro “Clarice Lispector com a ponta dos dedos” de Vilma Arêas, no capítulo A Moralidade Da Forma, a crítica afirma que Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres ocupa um lugar surpreendente no conjunto da obra de Clarice Lispector. “De antemão todos sabemos que a produção da escritora é de tal modo entrelaçada que seria um risco de simplificação ou furor classificatório estabelecer fronteiras ou rupturas drásticas em seu percurso” (ARÊAS, 2005, p.21).

A escritora ainda cita Nunes, que faz remissão a outras obras publicadas por Clarice e revela que Uma aprendizagem ou livro dos prazeres é uma nova vertente com temas diferentes das antigas publicações, “por exemplo, anota o que de “realmente novo” existe na obra: a narrativa polarizada pelo diálogo e não pelo monólogo, as variações internas (registros, anotações diárias, história dentro da história etc.), a ligação com experiências anteriores”. (ARÊAS, 2005, p.25).

Diante disso, Nunes ainda acredita que o romance foi criado para corrigir algumas falhas nos romances anteriores. Assim postula Arêas em consonância com Benedito:

E de maneira curiosa, essa aprendizagem da vida é também uma recapitulação, uma confirmação e uma correção de motivos, situações e temas dos romances anteriores da autora, por meio de referências diretas e alusões. Desse modo, Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres pode ser considerado um romance de romances, mais particularmente relacionado com A paixão segundo G.H., de que constitui a réplica ou a inversão, na base dos mesmos temas. (p.75, grifo do crítico). (NUNES apud ARÊAS, 2005, p.25).

Entretanto, Arêas relata em seu livro que encontra falhas em Uma aprendizagem ou livro dos prazeres, principalmente no uso da linguagem fragmentada, se comparado com A paixão segundo G.H, pois neste ela atinge seu ponto máximo em sua trajetória. A partir disso postula Arêas:

Creio entretanto que não haveria erro em se afirmar que Uma aprendizagem é um romance surpreendente malogrado, pois que falhado de modo mais complexo que outros textos, sobretudo se comparamos com A paixão segundo G.H. Na verdade, o erro – de tom e de composição – é de tal modo evidente e insistente que acaba por fazer sentido, transformando o livro num jogo claro com regras expostas. Apesar da “aleluia” do final, com a comunhão amorosa de Ulisses e Lóri, uma espécie de extravio ou equívoco envolve o livro como uma atmosfera. (ARÊAS, 2005, p. 27)

Arêas ainda afirma que em Uma aprendizagem há questões de cunho elevado, porém seus personagens são inadequados ou não combinam com o contexto do livro. Conforme é explícito no seguinte trecho: “[...]: de um lado, topamos com questões elevadas (reencarnações de mitos ancestrais, misticismo, busca de autenticidades etc.), de outro lado encontramos dois personagens bastante simples, aproximando-se das linhas sumárias da caricaturas, o que de saída não deixa se ser inadequada ou difícil de combinar.” (ARÊAS, 2005, p. 28).

Partindo destas objeções e críticas, Arêas ainda afirma que apesar de não concordar com algumas divergências de Clarice em Uma aprendizagem, a escritora alcançou uma maior autonomia e liberdade na narrativa seguindo algumas vertentes das “vanguardas”. Assim ela relata que:

Entretanto, em uma aprendizagem, atendendo ao chamado que qualificou como “liberdade maior”, a escritora não estabelece nenhum outro pólo para tencionar a narrativa. Embora mantendo o perfil dos temas dos livros anteriores, a forma de romance exibe todos os traços de sua penosa composição, de suas indecisões e escolhas. O que não deixa de ter interesse. Mas o resultado é que uma verdadeira salada de lugares- comuns da psicanálise, da crítica literária e da filosofia, além da pontuação supostamente vanguardista que abre e fecha o livro, acaba por perturbar e banalizar a expressão. (ARÊAS, 2005, p. 31)

Em um primeiro momento, o romance está exacerbado de sinalizações e de uma escrita muito explícita, porém para Arêas o romance é considerado decadente ao abordar as questões sociais. Diante disso podemos constatar essas afirmativas abaixo nesta citação:

Se encaixam com perfeição na camada metafórica; maiúsculas (Infinito, Mundo, Onipotência etc.) que reintroduzem em Uma aprendizagem certo tom hierático do romance decadente; [...] tentativas de abordagens da questão social. [...] Esse gênero sempre encantou Clarice, conforme reiteradas afirmativas em entrevistas, e em obediência a suas regras a narrativas gira obsessivamente ao redor do teor da aprendizagem. (ARÊAS, 2005, p. 34).

Conforme Arêas, “Evidentemente, Clarice não queria fazer parte do grupo, na melhor das hipóteses, conservador, e com Uma Aprendizagem com certeza procurou alinhar-se junto ao que também se buscava na época, isto é, o realismo novo. Certamente tentava assim responder às críticas que lhe eram dirigidas”. (ARÊAS, 2005, p. 45). Partindo destas constatações, fica claro que Clarice esteve à procura de seu próprio eu, e assim

escreveu Uma aprendizagem que é a busca de: “experimental falar sobre nada e para ninguém” e assim “angustiando-se e rebelando-se, quebrando e mergulhando as histórias às vezes no ponto de fusão do significado, caminhando na corda bamba, fabricando o futuro (da ficção) “ como uma aranha diligente”, conforme diz em Água Viva”. (ARÊAS,2005, p.45).

Portanto, Segundo Julieta Jacob o livro brinca com nossa imaginação e consegue bagunçar nossos pensamentos, mas ao mesmo tempo colocar ordem. Assim podemos citar:

“[...] O próprio título do livro reflete esse traço: cabe ao leitor escolher Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres ou mesmo tudo junto. Em vez de ditar regras, Clarice oferece opções e brinca com a nossa imaginação”. Ainda por cima, consegue ser complexa sem ser complicada. Eu a definiria como uma “bagunça com ordem”, ou ainda uma “desordem que faz sentido”.

Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres é uma lição de paciência, compreensão, afirmação do que somos e de respeito ao outro, tudo isso tendo como pano de fundo um relacionamento amoroso. Deveria ser leitura obrigatória para todos que pretendem amar e ser amados por alguém. A partir disso, podemos afirmar que Clarice descobre o mundo a partir da existência individual, enfatizando as perdas, fracassos e alegrias.

O ESPAÇO CONCRETO

Clarice, em seu romance UMA APRENDIZAGEM OU LIVRO DOS PRAZERES, vislumbra-nos com os personagens Loriley chamada de Lóri e Ulisses. Lóri, em todo romance, busca tornar-se digna de ser amada. Ulisses é professor de filosofia e Lóri, professora de pedagogia. Eles são aqueles que ensinam, mas ao se encontrarem, percebem que há muito que aprender para poder deparar-se consigo mesmo e um com o outro, terem uma relação em que as defesas e os medos são abandonados para se amar. No encontro consigo mesma, Lóri liberta a mulher que, consciente de sua libertação, começa uma viagem ao seu eu. Em um primeiro momento, Lóri é guiada e orientada por Ulisses; contudo, ela percebe que precisa estar só e, assim, ir ao encontro dele. Ou seja, Lóri precisa da busca de si mesma, amar a si mesma, se enxergar para ver o mundo e reconhecer o seu homem amado.

Diante disso, o aprendizado de Lóri ocorre em seu apartamento, o qual torna-se um ambiente de espera e de busca de si mesma. Neste espaço, a personagem encontra-se, e vai descobrindo cada móvel, cada espaço daquele local. Diante disso, podemos observar

que logo após alguns momentos de angústia, pois a aprendizagem com Ulisses era angustiante, sentiu-se pesada, e descobriu que não iria vê-lo, porém chegou à janela e pôde ver o quanto estava velha e ultrapassada. Podemos notar tal fato no seguinte fragmento: “Lóri sentiu quando com pesada angústia toda vestida e pintada, chegou à janela. Era velha de quatro milênios” (LISPECTOR,1998,p.22).

A janela representa, simbolicamente, a receptividade e a abertura para as influências vindas de fora. A janela pode ainda ser considerada como sendo um símbolo da consciência. Assim podemos dizer que apesar dela estar linda exteriormente, ela sente-se impotente para enfrentar a vida lá fora, tornando-se alienada a modismos e ao seu amado Ulisses. Assim também postula o filósofo Bollnow:

Através da janela, do contrario, (como o “ olho da porta”) olhamos para fora, somente com o olho, mas permanecemos dentro.[...] pela janela nós vemos através da lâmina de vidro o mundo, e este vidro, mesmo que pareça invisível (ou quase invisível), o modifica de modo muito decisivo. Mesmo a janela aberta, sem lâmina separadora, tem efeito alienante. (BOLLNOW, 2008,p.172).

Assim, a janela é metaforicamente alienante, pois as pessoas ficam separadas do mundo, no entanto elas também no espelho só veem o seu lado exterior e ficam impotentes muitas vezes, e atrofiam-se seu interior, com atitudes frenéticas em seu cotidiano.

Diante disso, por muitas vezes Lóri se arruma para sair de casa e, no entanto, ela se perde entre mobílias. Com isso, ela vislumbra-se em um espelho, símbolo da consciência e do auto-conhecimento, porém Lóri ainda não se encontrou em si mesma. O que ainda a importava era sua estética como mulher e o que o seu amado Ulisses achava a seu respeito. Estava na hora de se vestir: olhou-se ao espelho e só era bonita pelo fato de ser uma mulher: seu corpo era fino e forte, um dos motivos imaginários que fazia com que Ulisses a quisesse; [...] (LISPECTOR,1998,p.16)

De acordo com Bollnow, habitar é regressar ao passado e refletir sobre fatos vindouros, assim Lóri vive em constantes regressos e reflexões em seu apartamento, enfatizando algumas partes deste. A partir disso, em um dado momento da narrativa, ela olha o telhado de uma forma utópica de viver sua vida cheia de sonhos e conflitos. Conforme Bollnow:

[...] a habitação deve ser mais que a expressão de alguém, deve ao mesmo tempo refletir um longo passado se quiser transmitir às pessoas o sentimento de constância segura da vida. Isso requer tudo o que nela tem uma “história”. Mesmo as marcas do uso e leves danos ganham, aqui, um valor positivo. A montagem passo a passo, numa tal habitação, expressa a história de vida, nela cada peça lembra algo; figuras e algumas miudezas de lembrança, muitas vezes incompreensíveis aos estranhos, mantêm vivo um pedaço de passado. Assim, a

verdadeira habitação não foi criada artificialmente, mas cresceu progressivamente e tem parte na segurança passada do lento amadurecer. (BOLLNOW, 2008, p. 162)

Na narrativa, a ausência do ser amado “Ulisses” é revelada a todo o momento, mas após um tempo lutando por não ir a seu encontro no bar, ela resolveu ir e então relembrava dentro do táxi, o quanto doía a lenta aprendizagem da vida. Essa lenta aprendizagem acontecia por causadele e só dele, e assim ela pôde perceber, como uma borboleta, a lenta metamorfose acontecendo. A personagem sentia-se, na verdade, como um cavalo “apesar de inteiramente selvagem tem por isso uma doçura primeira que não tem medo” (LISPECTOR, 1998, p.28).

Em uma noite, Lóri pôde sentir o terror na própria pele, e então percebeu que havia um homem em sua vigília, podemos perceber o medo dela e elementos na narrativa que comprovam a casa como seu aconchego, porém o mundo lá fora tornou-se um ambiente aterrorizante neste trecho:

E houve a noite de terror. Ela ouvia passos indo e vindo. Olhou pela fresta da janela eviu que era o mesmo homem meio doido, com braços compridos de macaco, que durante o dia a seguira. Os passos vagarosos que vinham e iam e voltavam. Lóri sabia que ele esperava por ela. Pela fresta viu que ele fumava e pacientemente andava para cá e para lá. (LISPECTOR, 1998, p.33)

Assim também nos diz Bachelard a respeito da defesa contra a cólera do mundo e o espaço da casa que nos aconchega: “É do universo que surgem as agressões, a cólera. Enquanto a casa é a própria defesa [...] A casa e o universo não são simplesmente dois espaços justapostos. No reino da imaginação, ambos se atiram reciprocamente em devaneios opostos[...]” (BACHELARD, 2008, p.59).

No entanto, podemos dizer que estar em casa é ficar protegido dos terrores do que o mundo nos impõe. Não conseguindo suportar tanto terror, ela liga para Ulisses que a acalma, então ele vai ao seu encontro em seu apartamento. Chegando lá, o homem se afasta do apartamento, não entra, diante a porta este a consola e fala para Lóri acalmar-se e então seu amado volta para sua casa, mas a alma de Lóri permanecia trêmula e assustada com tal acontecido e mais uma vez, a mobília da casa está presente, descrita com detalhes, “Foi a geladeira, bebeu água: agia como se tivesse sido hipnotizada por Ulisses” (LISPECTOR, 1998, p.55). Assim ela:

Ajoelhou-se trêmula! junto da cama pois era assim que rezava e disse baixo, severo, triste, gaguejando sua prece com um pouco de pudor: alivia a minha alma, faz com que eu sinta que tua mão está dada a minha, faz com que eu sinta que a morte não existe porque na verdade já estamos na eternidade, faz com que eu sinta que amar não é não morrer, que a entrega de si mesmo não significa morte, faz com que eu sinta uma alegria modesta e diária [...] (LISPECTOR, 1998, p.56)

Lóri quando queria pensar sobre diversos assuntos, e ficar só, ia ao terraço que é um ambiente que representa os sonhos e devaneios em uma casa e, neste local, ela refugiava-se. A partir disso, postula Bachelard “ O sonhador está feliz por ser triste, contente por estar só e esperar.[...] Um ser vivo preenche um refúgio vazio e as imagens habitam.” (BACHELARD, 2008 p.149) e então:

Nesta madrugada fresca foi ao terraço e refletindo um pouco chegou à assustadora certeza de que seus pensamentos eram tão sobrenaturais como uma história passada depois da morte. Ela simplesmente sentira, de súbito, que pensar não lhe era natural. Depois chegara à conclusão de que ela não tinha um dia-a-dia mas sim uma vida-a-vida. E aquela vida que era sua nas madrugadas era sobrenatural com suas inúmeras luas banhando-a de um prateado líquido tão terrível. (LISPECTOR, 1998, p.34).

Diante disso, Lóri permanecia em seu aprendizado longe de Ulisses. Após uma semana do último encontro, ela não o viu e ele não a telefonou, e o desespero a tomava e Lóri sabia que não estava pronta para entregar-se ao homem amado e então se debruça na cama, comose fosse a entrega de seu eu àquele móvel, e a dor dilacera seu corpo. Vejamos como isso acontece no seguinte fragmento:

E o desespero a tomava. Sabia que ainda não estava pronta para dar-se a ele nem a ninguém, e nesse ínterim talvez ele a largasse. O desespero numa dessas tardes ensolaradas cresceu. De repente deixou-se deitar na cama de bruços, com o rosto quase enterrado no travesseiro: a dor voltara. (LISPECTOR, 1998, p.63).

A partir disso, podemos enfatizar, na casa de Lóri, sua cama que, a todo momento, é citada. Tal móvel serve como simbologia de intimidade, daquilo que nos é pessoal, é onde dormimos e vivemos nossos sonhos, o local onde participamos da vida de nosso inconsciente. Está ainda relacionada à intimidade do amor e do sexo, sendo, portanto, um local bastante individual. Assim, a personagem não está deitada na mesma e sim, rezando para que Deus venha seu auxílio para que ela entenda que amar não é morrer, e que ela apenas queria sentir uma alegria diária. Como podemos perceber no trecho assim descrito:

Ajoelhou-se trêmula junto da cama, pois era assim que rezava e disse baixo, severo, triste, gaguejando sua prece com um pouco de pudor: alivia a minha alma, faze com que eu sinta que tua mão está dada a minha, faze com que eu sinta que a morte não existe porque na verdade já estamos na eternidade, faze com eu sinta que amar não é não morrer, que a entrega de si mesmo não significa morte, faze com que eu sinta uma alegriamodesta e diária [...] (LISPECTOR, 1998, p.56)

Diante disso, Lóri está desesperada e precisa de conforto e paz então deita em sua cama, e de bruços tenta fadigar sua dor, mas ela permanece incessantemente. “Parece, então, queé por sua “imensidão” que dois espaços – o espaço da intimidade e o espaço do mundo – tornam

–se consoantes. Quando a solidão do homem se aprofunda, as duas imensidões se tocam, se confundem”. (BACHEARD, 2008, p.207). Assim está descrito neste trecho: “E o desespero a tomava. Sabia que ainda não estava pronta para dar-se a ele nem a ninguém, e nesse ínterim talvez ele a largasse. O desespero numa dessas tardes ensolaradas cresceu. De repente deixou-se deitar-se na cama de bruços, com o rosto quase enterrado no travesseiro: a dor voltara.” (LISPECTOR, 1998, p.63).

Então Lóri percebia que estava só perante aquele mundo, e que ela não podia retroceder, pois já havia dado o primeiro passo para sua busca interior. Esta queria uma aprendizagem completa sem lacunas e, assim, sem sono, resolvera fazer uso dos recursos da casa. A personagem vai a cozinha e toma um café, “Já que não tinha sono, foi à cozinha esquentar o café. Pôs açúcar demais no café ficou horrível. Isto levou-a a uma realidade mais cotidiana. Descansou um pouco de ser” (LISPECTOR, 1998, p.74).

O ser humano está em constante movimento em seu círculo social e então quando chega a casa ainda continua fazendo elucubrações do que fora feito no seu cotidiano e assim o apartamento torna-se o ambiente inquietante. “[...] Tinha que ser ela própria a procurar a ter. Inquieta, andava de um lado para o outro do apartamento, sem lugar onde quisesse se sentar. Seu anjo de guarda a abandonara. Era ela mesma que tinha que ser sua própria guardiã. (LISPECTOR, 1998, p.75). Diante disso, estamos em um contexto de meditação, o qual temos que superar nossas expectativas humanas todos os dias, pois muitas vezes deixamos nos levar pelo isolamento e ficamos só na utopia de viver conforme BACHELARD:

Por conseguinte, nessa meditação não somos “lançados no mundo”, já que de certa forma abrimos o mundo numa superação do mundo visto tal como ele é, tal como ele era antes que sonhássemos. [...] A imensidão está em nós. Está ligada a uma espécie de expansão de ser que a vida refreia, que a prudência detém, mas que retorna a solidão. (BACHELARD, 2008, p.190)

No entanto, assim como em Bachelard como foi citado anteriormente, Lóri é lançada ao mundo, mas percebe que deve ficar em casa, pois ela não sabe viver, e ela ainda prefere estar só, assim como está explícito nesta citação:

Entrou em casa como uma foragida do mundo. Era inútil esconder: a verdade é que não sabia viver. Em casa estava bom, ela se olhou ao espelho enquanto lavava as mãos e viu a “persona” afivelada no seu rosto. Parecia um macaco enfeitado. Seus olhos, sob a grossa pintura, estavam miúdos e neutros, como se no homem ainda não se tivesse manifestado a Inteligência. Então lavou-o, e com alívio estava de novo de alma nua. Tomou então uma pílula para dormir e esquecer o fracasso de sua bravata. Antes que chegasse o sono, ficou alerta e se prometeu que nunca mais se arriscaria sem proteção. (LISPECTOR, 1998, p.86).

A partir do momento que a falta de Ulisses aumenta, Lóri não consegue readormecer, pois a vontade de ser era enorme, e então a mesma recorre aos elementos da casa que são primordiais para sua existência e seus sentimentos que ocorrem nos espaços que ela está inserida, podemos constatar isto nesta citação: “Às vezes de noite acordava em sobressalto, sentindo a falta de Ulisses, como se tivesse alguma vez dormindo com ele. E não conseguia readormecer porque o desejo de ser possuída por ele vinha forte demais. Ela se levantava então, fazia café, sentava-se como uma menina bem-comportada numa cadeira com xícara grande de café na mão.” (LISPECTOR, 1998, p.107).

A partir do ato de entrar em casa ela sente-se protegida. No entanto Bachelard afirma que: “Queremos simplesmente mostrar que quando a vida se abriga, se protege, se cobre, se oculta, a imaginação simpatiza com o ser que habita o espaço protegido” (BACHELARD, 2008, p.141). Com efeito, a aprendizagem difundirá em Lóri e então entrou em casa e uma maçã estava sobre a mesa e então ela comparou a maçã como o fruto proibido do paraíso, mas ao contrario de Eva, ao morder aquela maçã, a personagem entrava no paraíso e então podemos citaresse trecho da obra. “Só deu uma mordida e depositou a maçã na mesa. Porque alguma coisa desconhecida estava suavemente acontecendo. Era o começo – de um estado de graça”. (LISPECTOR, 1998, p.131). E então ela entra em profundos devaneios, assim que toca a maçã conforme em Bachelard. O sonhador entrou no âmbito em que se formam convicções que nascem além do que se vê e do que se toca. (BACHELARD, 2008, p.130).

CASA COMO CORPO

O livro Uma Aprendizagem Ou Livro Dos Prazeres tem como princípio o corpo como casa. Clarice a compara a um cavalo que trota sem barulho e é livre. E então sobre isso, podemos ressaltar o trecho da obra “Se ele fareja e sente que o corpo-casa é livre, ele trota sem ruídos e vai”. (LISPECTOR, 1998, p.28). Desta forma Michelet afirma que “A casa é a própria pessoa, sua forma e seu esforço mais imediatos; eu diria seu sofrimento”. (MICHELET apud Bachelard, 2008, p.113).

Diante disso, nas madrugadas, ela entregava-se à lua cheia e à natureza que a levava a seu interior e a entender a vida melhor. Assim acontece no livro A Poética do Espaço de Bachelard no capítulo “o ninho” que, pautado no espaço em que vivemos e convivemos é onde está nosso conforto, repouso é o refugio para a vida, e então este acredita que, “O ninho é um esconderijo da vida alada”. (BACHELARD, 2008, p.106).

Podemos ver neste trecho de Clarice que ela revela seu íntimo: “De madrugada ia ao pequeno terraço e quando tinha sorte era madrugada com lua-cheia. Tudo isso ela já aprendera através de Ulisses. Antes ela evitara sentir. Agora ainda tinha, porém já com leves incursões pela vida.” (LISPECTOR,1998, p.34).

Assim, Lóri chegou à conclusão que ela era uma pequena parte no mundo que ela estava inserida e que sempre regressava a suas fraquezas, “ Pois ela era o mundo. E, no entanto, vivia pouco. Isso constitui uma de suas fontes de humildade e forçada aceitação, e também a enfraquecia diante de qualquer possibilidade de agir’. (LISPECTOR,1998, p.43). Bachelard afirma: “Os regressos humanos acontecem de acordo como grande ritmo da vida humana, ritmo que atravessa os anos, que luta pelo sonho contra todas as ausências. [...] Nesse âmbito, tudo acontece em toques simples e delicados.” (BACHELARD, 2008, p.111).

Bachelard afirma que, “O mundo é o ninho do homem”. (BACHELARD, 2008, p.116). Diante disso, podemos ressaltar no livro *Uma Aprendizagem Ou Livro Dos Prazeres* a aprendizagem que Lóri vive, em que o mesmo ensinamento ocorre em seu apartamento em meio a devaneios e tristezas até a chegada do apogeu em sua vida, determinando o mundo como vasto e delimitado. Com a presença de seu amado Ulisses, ela consegue conquistar o mundo, ou seja, sua aprendizagem. Assim como no romance de Clarice, Bollnow em seu livro *O homem e o espaço* afirmam que “o espaço externo é o espaço da atividade no mundo, em que se tem constantemente de superar resistências, e armar-se diante do oponente; é o espaço do desabrigo, dos perigos e da exposição” (BOLLNOW, 2008, p.139).

Em seu livro Bollnow, elucida-nos com a teoria do homem em seu espaço e ainda deixa explícito que o homem vincula sua existência ao seu habitar, e então este resiste às peripécias do mundo:

A casa é considerada como o lugar onde se habita. No lar o indivíduo possui uma referência no mundo sentindo-se existente neste espaço. O homem, ao estabelecer morada em um lugar, finca as suas raízes neste espaço, ganhando resistência diante do mundo, e tornando-se um ser realizado, pois “a realização de seu ser está amarrada à existência de um tal centro” (BOLLNOW, 2008, p.134).

Partindo desta teoria o filósofo explica para que a casa não se torne uma prisão é necessário portas e janelas, assim no romance Lóri e Ulisses abrem suas portas, porém não são portas concretas e sim metafóricas, “[...] Agora, no silêncio em que ambos estava, ela abriu suas portas, relaxou a alma e o corpo, e não soube quanto tempo se passara pois tinha-se entregue a um profundo e cego devaneio que o relógio da Glória não interrompia”. (LISPECTOR, 1998, p.148). E então podemos citar também Bollnow que

afirma: “A porta como lugar de passagem também ganhou, a partir daqui, um significado simbólico mais profundo: é o lugar de passagem para uma nova vida, assim como na exortação do evangelho que diz: “ Entrai pela porta estreita”. (BOLLNOW, 2008, p.169).

Conforme Bachelard, a porta aberta é o princípio dos sonhos e dos desejos que estão dentro de cada ser humano:

A porta! A porta é todo o cosmo do entreaberto. É no mínimo uma imagem de princípio dele, a própria origem de um devaneio onde se acumulam desejos e tentações, a tentação de abrir o ser do âmago, o desejo de conquistar todos os seres reticentes. [...]. As vezes ela está bem fechada, aferrolhada, fechada de cadeado. Outras vezes está aberta, isto é, escancarada. (BACHELARD, 2008, p.225).

Diante disso, Lóri também se encontra com a sua porta aberta para uma vida nova “__ Nós dois sabemos que estamos à soleira de uma porta aberta a uma vida nova. É a porta, Lóri. E sabemos que só a morte de um de nós há de nos separar. Não Lóri, não vai ser uma vida fácil. Mas é uma vida nova [...]”. (LISPECTOR, 1998, p.150).

Na verdade, a princípio Lóri esteve com sua porta interior fechada, ou seja, seu coração, porém agora resolveu abrir esta para novas experiências com seu amado Ulisses: “_____ Lóri, você é agora uma super mulher no sentido em que sou um super-homem, apenas porque nós temos coragem de atravessar a porta aberta. Dependerá de nós chegarmos dificilmente a ser o que realmente somos.” (LISPECTOR, 1998, p.151).

Conforme sublinha Bollnow, a porta é uma forma de liberdade, e que a qualquer momento podemos abrir e fechar a mesma, tal como acontece com coração de Lóri que a princípio esteve fechado para o amor, mas agora se tornou aberto. “Quem, contudo, tranca a própria porta, preserva sua liberdade; precisamente dessa maneira especial é que conhece sua liberdade. Pois ele tem a possibilidade de abrir a porta novamente a cada instante, como lhe aprouver. (BOLLNOW, 2008, p.166).

A construção incessante para o amor entre Lóri e Ulisses, chegou-se ao começo de um caminho e o fim da solidão tornou-se uma lembrança, “Não sei, meu amor, mas sei que meu caminho chegou ao fim: quer dizer que cheguei à porta de um começo”. (LISPECTOR, 1998, p.155). Conforme Bollnow, a porta é o elo entre as pessoas assim como está transcrito no romance: “Serve, de fato, para deixar a porta ser o meio de ligação parcialmente aberto, seletivo, entre o espaço interno e o mundo exterior. Assim, também no sentido figurado, a porta escancarada pode se tornar símbolo da receptividade interior das pessoas [...]”. (BOLLNOW, 2008, p.168).

A casa é humanizada, refletindo seus sentimentos, ou seja, Lóri torna-se casa cheia de devaneios e aspirações que ela desconhece, pois agora ela apenas sofre e ela até pensa em escolher outra “casa”, que na verdade quando ela diz que vai escolher outra casa, metaforicamente Lóri está querendo desistir de seus sentimentos por Ulisses, ou seja, acontece uma personificação na casa material e torna-se a casa íntima com seus sentimentos e dores de existir, podemos constatar isso nesse trecho:

Existe um ser que mora dentro de mim como se fosse casa dele, e é. Trata-se de um cavalo preto e lustroso que apesar de inteiramente selvagem — pois nunca morou antes em ninguém nem jamais lhe puseram rédeas nem sela — apesar de inteiramente selvagem tem por isso mesmo uma doçura primeira de quem não tem medo: come às vezes na minha mão. Seu focinho é úmido e fresco. Eu beijo o seu focinho. Quando eu morrer, o cavalo preto ficará sem casa e vai sofrer muito. A menos que ele escolha outra casa e que esta outra casa não tenha medo daquilo que é ao mesmo tempo selvagem e suave. Aviso que ele não tem nome: basta chamá-lo e se acerta com seu nome. Ou não se acerta, mas, uma vez chamado com doçura e autoridade, ele vai. Se ele fareja e sente que um corpo-casa é livre, ele trota sem ruídos e vai. Aviso também que não se deve temer o seu relinchar: a gente se engana e pensa que é a gente mesma que está relinchando de prazer ou de cólera, a gente se assusta com o excesso de doçura do que é isto pela primeira vez. (LISPECTOR, 1998, p.28).

Enfim, podemos comparar o cavalo aos sentimentos antitético presentes na personagem, e que estes estão dilacerados dentro de seu corpo que é o corpo-casa, e então é livre, pois está conhecendo a doçura e a videz do amor e Lórey está descobrindo seus sentimentos de formar ardentes.

IMENSIDÃO ÍNTIMA

O nosso objetivo é analisar a imensidão íntima de Lórey, que acredita que para ficar com seu amado Ulisses deveria conquistar sua aprendizagem através da dor. Assim podemos citar este trecho da obra: “E mesmo o fato de seus “sofrimentos” serem agora mais espaçados, o que devia a Ulisses – “sofrimentos” ser uma dor? E só quando ser não fosse mais uma dor é que Ulisses a consideraria pronta para dormir com ele?” (LISPECTOR, 1998, p.20,21).

E então podemos enfatizar que Bachelard que afirma que somos entregues ao mundo e que sempre retornamos à solidão do ser:

Por conseguinte nessa meditação não somos “lançados no mundo”, já que de certa forma abrimos o mundo numa superação do mundo visto tal como ele é, tal como ele era antes que sonhássemos. [...] A imensidão está em nós. Está ligada a uma espécie de expansão de ser que a vida refreia, que a prudência detém, mas que retorna a solidão. (BACHELARD, 2008, p.190)

Por metáforas, Lóri exprime uma dimensão ao seu interior, comparando os ovários secos por ódio e que dentro de si própria não chove, ou seja, os ovários continuaram secos até ela se conhecer. Isso fica explícito quando ela diz “E não chove, não chove. Não existe menstruação. Os ovários são duas pérolas seca. Vou vos dizer a verdade: por ódio seco, quero isto mesmo, o que não chova”. (LISPECTOR, 1998, p.24). Porém, sente seu íntimo ardendo tremendo e percebe que algo irá mudar, que passará por uma metamorfose interior, são explícitos estes sentimentos neste trecho: “Ela só percebe que agora alguma coisa vai mudar que chovera ou caíra a noite.. Mas não suporta a espera de uma passagem, e antes da chuva cair, o diamante dos olhos se liquefaz em duas lagrima.” (LISPECTOR, 1998, p.24).

A partir da citação acima é notório que Lóri faz alusão a todos os seus sentimentos que a deixavam descontrolada, mas como a chuva, ela limpará sua alma de toda angústia. E então podemos citar Bachelard para quem “a grandeza progride no mundo à medida que a intimidade se aprofunda”. (BACHELARD, 2008, p.200).

Lóri entende que a grandeza da vida é conhecer a si mesma sem limitações, não só o exterior, mas todo o seu interior, porém ela conclui que estes dois espaços se confundem, no íntimo do seu ser. Acerca disso Bachelard afirma: “Parece, então, que é por sua “imensidão” que dois espaços – o espaço da intimidade e o espaço do mundo – tornam –se consoantes. Quando a solidão do homem se aprofunda, as duas imensidões se tocam, se confundem.” (BACHELARD, 2008, p.207).

Diante disso, Lóri chega a conclusão de que ela encontrava-se em constantes quedas humanas e que estas eram metaforicamente as mesmas de Jesus, que assim como ele, Lóri estava carregando sua cruz para aprender a viver. Assim, pode-se concluir neste trecho, “A consciência de sua permanente queda humana a levava ao amor do nada. E aquelas quedas – como As de Cristo que várias vezes caíram ao peso da cruz – e aquelas quedas é que começavam a fazer sua vida”. (LISPECTOR, 1998, p.27). No entanto, ela conclui que antes de conhecer a si própria deveria conhecer o mundo.

A partir disso, Lóri começou a conhecer seu interior e a entender um pouco mais suas angústias e tristezas. Após alguns dias, Ulisses ligou e pediu que o encontrasse no clube, e assim ela o encontrou na borda da piscina, Ulisses ao vê-la fica feliz, mas percebe que ela esconde de si própria, eles entram na piscina e ficam calados por um grande momento, e descobrem que no silêncio estavam se conhecendo um grande aprendizado. E assim Lóri estava fascinada pelo encontro de si mesma, ela se fascinava e quase se hipnotizava. (LISPECTOR, 1998, p.72). E então eles concluíram que os dois estavam aprendendo juntos a viver a vida e a ser um só.

Lóri, após ir embora do clube, passou pela primeira mutação em sua vida, ela agora resolveu conhecer o mundo sozinho, tanto o exterior quanto o interior, e então o sol nasceu e ela em sua casa levantou da cama e foi até ao mar descobriu o prazer de viver. Quando adentra ao mar, percebe que, “Seu corpo se consola de sua própria exiguidade em relação à vastidão do mar porque é a exiguidade do corpo que o permite tornar-se quente e delimitado, e o que a tornava pobre e livre gente, com sua parte de liberdade de cão nas areias”. (LISPECTOR, 1998, p.78).

Portanto, após esse banho de mar, ela renovou seu íntimo e pôde alcançar a liberdade desensações de uma vitória tímida, Bachelard afirma que:

Na imaginação, eu inundava o espaço que me cercava e no centro do qual caminhava. Vivia numa imensidão inventada. Deslocava-me no centro de uma matéria fluida, luminosa, protetora, densa, que era a água do mar, a lembrança de água do mar. Esse artifício bastava para humanizar os meus olhos um mundo de secura repugnante, conciliando-me com as rochas, com o silêncio, com a solidão [...] Minha própria fadiga estava amenizada. (BACHELARD, 2008, p.211)

No entanto, após alcançar toda esta liberdade, Lóri resolve contar tudo que aconteceu ao seu amado Ulisses, e começa a falar do abismo que era aprender e diz que sua aprendizagem começara na piscina, de modo que fez com que ela tivesse coragem de ir até ao mar sozinha e entregar de corpo e alma naquela vasta natureza. Após esta declaração, ela ficará emocionada, e emocionou seu amado também, fazendo com que ele exprima sem medo: “Eu te amo”, acrescentado “decifra-me ou te devoro”. Sobre esta temática podemos citar Bachelard que afirma que: “Pela simples lembrança, longe das imensidões do mar e da planície, podemos, na meditação, renovar em nós mesmos as ressonâncias dessa contemplação de grandeza.” (BACHELARD, 2008, P.189).

Lóri chega à conclusão que com Ulisses dará os primeiros passos para sua aprendizagem, mas ele havia desaparecido e então ela roga a Deus que amar não seja morrer, que é nítido neste trecho, “Faze com que eu sinta que amar é não morrer, que a entrega de si mesmo não significa morte e sim vida”. (LISPECTOR, 1998, p.113).

[...] Diante disso, passará um ano ela estava a espera de sua aprendizagem completa de conhecimento de si e dos outros e descobrira que já não estava sozinha, pois através de Ulisses, tinha encontrado seu destino de mulher. E que ela o esperaria até quando fosse preciso, pois era ele que ela amava. E assim ela entrara em êxtase de “calma absoluta”. “No entanto, Lóri tinha a intuição de que, passadas as primeiras perturbações da festa íntima que haveria, ela teria enfim a experiência do mundo”. (LISPECTOR, 1998, p.126).

Assim também é descrito em Bachelard: O ser que se esconde, o ser que “entra em sua concha” prepara “uma saída”. (BACHELARD, 2008, p.123). Ao passo que Lóri esperou com tantos quedas e tropeços, e então notou que já podia ser ela e o mais

profundo de sua alma e que agora poderia amar outrem, pois ela já se amava podemos notar isso neste trecho: “E quando notou que aceitava em pleno o amor, sua alegria foi tão grande que o coração lhe batia por todo o corpo, parecia-lhe que mil corações batiam-lhe nas profundezas de sua pessoa. Um direito- de- ser tomou-a, como se ela tivesse acabado de chorar e nascer.” (LISPECTOR, 1998, p.78).

A partir disso Lóri ligou para Ulisses, mas não o encontrou, após uma longa espera ligou novamente e então ele atendeu e ela falou, “Ulisses, não encontro uma resposta quando me pergunto quem sou eu. Um pouco de mim eu sei: sou aquela que tem a própria vida e também a tua, eu bebo a tua vida”. (LISPECTOR,1998, p.78). Diante disso, ela experimentará ter um corpo e uma alma e entender que por mais que existisse obstáculo em sua vida ela prosseguiria. Assim sobre esse tema Bachelard diz que “A alma encontra no objeto o ninho de uma imensidão. (BACHELARD, 2008, p.190).

Com efeito, Ulisses a procurou e Lóri foi ao seu encontro, ao vê-lo ela lembrou que Ulisses perguntou á por que se afastava das pessoas e ela não tinha a resposta, mas naquele momento a mesma sabia responder para Ulisses , disse que era derrotada por ela mesma e pelo mundo que vivia, e que assim Lóri entregou a uma individualidade única de ser, mas o que a salvou foi seus alunos e ele seu ser amado. Então Ulisses parou e falou a ela “Você está pronta, Lóri. Agora eu quero o que você é, e você quer o que eu sou. E toda troca será feita na cama, Lóri, na minha casa e não no seu apartamento”. (LISPECTOR,1998, p.136). Assim Ulisses deixou bem claro que não a procuraria mais e que ela deveria o procurar quando estivesse pronta. Assim postula Bachelard: “É sublimação totalmente desembaraçada dos pesos orgânicos ou psíquicos dos quais desejávamos libertar-nos”. (BACHELARD, 2008, p.229).

Contudo, passaram-se os dias e Lóri não o procurou, estava plena e não precisava de ninguém, apenas tinha a certeza que o amava e que Ulisses a amava. Conforme Bachelard: encontrar a si próprio e dizer não aos outros é progredir, “Dizer-se não aos outros, pelo menos asi mesmo. E sempre avançar”. (BACHELARD,2008,224). Passou o dia e junto com ele chegou a noite e ela começou a sentir o desamparo da noite, e a ameaça da chuva chegará mas não chovia eentão começou a chover e a alegria veio com a chuva. “E viu que não havia o latejar da dor como antigamente. Apenas isso: chovia fortemente e ela estava vendo a chuva e molhando-se toda”. (LISPECTOR, 1998, p.142). No entanto, Lóri percebeu que era a própria chuva e que ela estava viva, e que seu único desejo era Ulisses.

Diante disso, mais uma vez a casa é o local onde será descrito toda uma espera de Lóri para com Ulisses em busca de sua busca interior, e é lá que os dois irão se lançar e amar. Conforme é descrito sobre essa temática por Bachelard:

Pensar que possamos vir ao mundo num lugar que a princípio não saberíamos sequer nomear, que vemos pela primeira vez; e que, nesse lugar anônimo, desconhecido, possamos crescer, circular até conhecemos o seu nome, pronunciá-lo com amor, que o chame-mos de lar, onde lançamos nossas raízes, onde abrigamos os nossos amores; de forma que, cada vez que falamos dele, o fazemos como amantes, em cantos nostálgicos, em poemas transbordantes de desejo (BACHELARD, 2008, p. 72).

Finalmente Lóri foi atrás de Ulisses em sua casa, quando chegou naquele local, Ulisses ajoelhou diante dela. E ela percebeu que enfim ele pertencia a ela. O único medo de Lóri era que Ulisses a decepcionasse, podemos perceber neste trecho: “Mas com Ulisses estava sendo diferente. Ele nunca fora humilde no amor, por deslumbramento, se tornava humilde. Ela não sobe como de joelhos mesmo, ele a tinha feito ajoelhar-se junto a ele no chão, sem que ela sentisse constrangimento. E uma vez ajoelhado ele enfim a beijou.” (LISPECTOR, 1998, p.145- 146).

Enfim, o ato de amor se concretizou com toda delicadeza e com muita emoção como podemos perceber neste fragmento: “No começo ele a tratara com delicadeza e um senso de espera como se ela fosse virgem. Mas em breve a fome fez com que Ulisses esquecesse de toda a gentileza, e foi com umavoracidade sem alegria que eles se amaram pela segunda vez. (LISPECTOR, 1998, p.146-147).

Portanto, Lóri lutou toda sua vida com devaneios, porém foi estes que a levaram a aprendizagem de viver a vida. Diante disso Ulisses e Lóriley haviam aberto as portas de suas almas e seus corpos e entregaram ao profundo dos devaneios. E então apesar de eles terem enfrentado as tempestades impostas pelo mundo, através da casa eles se sentiram abrigados para amar. Conforme esse tema Bachelard afirma:

Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “jogado no mundo”, como professam as metafísicas apressadas, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, nos nossos devaneios, ela é um grande berço. (BACHELARD, 2008, p.26).

Portanto, Lóri em todo romance está predisposta há uma aprendizagem e ao amor e está se deleita no alto conhecimento de ser. Diante disso, Clarice nos leva a refletir sobre nossa vida e maneira que encaramos está de maneira muitas vezes banal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das pesquisas, tentamos demonstrar com o presente trabalho, baseando-nos, nas teorias do espaço de Otto Friedrich Bollnow e Gaston Bachelard, que o espaço e a habitação são essenciais para a subjetividade dos personagens de Clarice Lispector, em seu livro *Uma aprendizagem* ou *livro dos prazeres*.

Diante disso, através da teoria de Bollnow, podemos constatar que o ser e sua habitação estão ligados em suas realizações, e é a partir desta que há a organização de nosso íntimo. A habitação é o abrigo das ameaças advindas do mundo, pois este representa a opressão e os caminhos sinuosos. A casa é considerada como “o centro do universo”, pois ela não é só para a proteção do indivíduo, é também para vinculação do próprio ser com seus sentimentos.

Com base na teoria de Bachelard, podemos aprender que através da moradia nós empreendemos nossos sentimentos, pois é em nossa habitação que projetamos nossos sentimentos e características do nosso ser. E que é no espaço que estamos inseridos que vivemos nossos maiores devaneios e sonhos e que depositamos nossos anseios e consciências. Assim os personagens que residem nesse espaço resguardam em seu íntimo e transfiguram seus objetivos, sonhos e lembranças. E se refugiam no amor e no autoconhecimento.

Diante disso, com base no livro de Clarice Lispector, *uma aprendizagem* ou o *livro dos prazeres*, descobriu que este é cercado de metáforas e estas servem para entender as utopias e os sonhos das personagens.

Assim, Lóri a personagem principal do romance, vive um processo de transformação e aprendizagem, está que transfigura seu amor para Ulisses, que enfatiza sua condição humana a partir de reflexões com liberdade de conhecer o mundo de maneira aprazível.

Portanto, o espaço e a habitação são determinantes para o perfil dos personagens, e assim fica mais fácil de entender as analogias feitas pela autora de maneira inigualável. Assim acreditamos que a leitura sobre Clarice e dos teóricos em que baseamos para esta pesquisa são de suma importância para a busca e o aprofundamento do conhecimento. Diante disso, chegamos a conclusão que o espaço que os indivíduos estão inseridos são determinantes para seus atos e sentimentos.

REFERÊNCIAS

ARÊAS, Vilma. **Clarice Lispector com a ponta dos dedos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BACHELARD, Gaston, 1884-1962. **A poética do espaço**. tradução Antônio Pádua Danesi. – ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2008. – (Tópicos)

NUNES, Benedito. **O DORSO DO TIGRE**. Ed.Perspectiva. São Paulo,1976.2ª Edição

BOLLNOW, Otto Friedrich, 1993- **O homem e o espaço**. tradução de Aloísio Leoni Schmid, - Curitiba: Editora UFPR,2008.

FILHO, Ozíris Borges. **Espaço e literatura**. São Paulo, XI Congresso Internacional da ABRALIC, USP, 13 a 17 de julho de 2008.

HELENA, Lucia. “**Aprendizado de Clarice Lispector**”. In: Littera, ano 5, nº 13, Rio de Janeiro, jan-jun/1975, p. 99-104.

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. (1969) Rio de Janeiro:Rocco, 1998.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo G. H.** 12ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SÁ, Olga de. **A escritura de Clarice Lispector/ Olga de Sá**. –Petrópolis: Vozes; Lorena: Faculdades Integradas Teresa D’Avila,1979. 280.

SÁ, Olga de. **Clarice Lispector: a travessia do oposto/Olga de Sá**- São Paulo: Annablume.2004-(Selo Universidade, Literatura 8)

Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres. Disponível em: <<http://www.vacatussa.com/2009/07/uma-aprendizagem-ou-o-livro-dos-prazeres-clarice-lispector>>. Acesso em: 12 out.2012.

Capítulo 02

POR UM MODELO PEDAGÓGICO DE ENSINO QUE RESPEITE AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

SUELANE DA SILVA FERREIRA⁶

CLÁUDIA SOUSA MELO E SILVA⁷

VALDIRENE DA SILVA⁸

MARISLANIA DE OLIVEIRA SILVA⁹

ANGELA DE CASTRO MOTA¹⁰

JAQUELINE DE ARAÚJO SILVESTRE BATISTA¹¹

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo ressaltar a importância em adotar uma base de ensino que respeite o modo de falar dos alunos a fim de conscientizá-los de que toda variedade linguística é importante. Diante disso, este trabalho busca promover uma discussão acerca do ensino da norma padrão, cujo modelo de língua adotado estimula uma conduta, muitas vezes preconceituosa, em relação às outras variedades linguísticas.

O despertar pela pesquisa surgiu após perceber o quanto os casos de preconceito linguístico têm crescido nos últimos anos devido à dificuldade da sociedade em aceitar o caráter heterogêneo da língua. Preza-se por um ensino de língua portuguesa que se resume a ensinar gramática normativa, apesar de os alunos estudarem isso do Ensino Fundamental ao Ensino Médio e ainda saírem da escola sem dominar as regras prescritas. Isso prova o quanto é urgente uma revisão do ensino desse modelo com o intuito de promover o que deveria vir a ser a função da escola: oferecer condições aos alunos para que aprendam a norma culta, mas também outras variedades linguísticas, a fim de se

⁶ Graduada em Letras pela Universidade Regional do Cariri. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3950933045214514>

⁷ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5254486288358912>

⁸ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1658719250811868>

⁹ Graduada em Letras Pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3201322169263163>

¹⁰ Graduada em Letras-Português-Espanhol pelo UNICEUB. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6506507025773281>

¹¹ Graduada em Letras/Inglês pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2132269306026196>

comunicarem de maneira eficaz independente do contexto e poderem preservar, dentro e fora do espaço escolar, o respeito pelas diferenças linguísticas e sociais.

A pesquisa realizada é de natureza descritivo-bibliográfica, já que irá recorrer à análise de livros didáticos do 1º ano do Ensino Médio – por servir como principal apoio para os professores e ser um material indispensável para os alunos – e por se fundamentar em discussões teóricas realizadas pelos autores Bagno (2007), Faraco (2008) e Possenti (1996) entre outros, que estão comprometidos em contribuir com a luta pela adoção dos fundamentos da sociolinguística para o ensino de língua materna.

Os livros mencionados foram escolhidos levando em consideração o momento no qual os estudantes se encontram, de construção de consciência crítica e análise do meio em qual se inserem. Durante o processo de análise de livros didáticos, foi possível perceber que entre os livros trabalhados no Ensino Médio, os do 1º ano abordam de forma mais aprofundada as questões relacionadas à variação linguística, destacando como um dos principais fatores para haver esse fenômeno as diferenças entre as classes sociais.

NORMA E PRECONCEITO: A LÍNGUA COMO INSTRUMENTO DE PODER

O português como nós conhecemos já passou por muitas transformações, desde a sua colonização, em 1532, pelos portugueses até o momento atual, são várias as influências linguísticas que caracterizam essa língua e a distinguem de outras de base portuguesa europeia.

Permanecendo nessa linha tênue de mudanças, nossa língua sofreu e ainda sofre influência de diferentes culturas e, à medida que isso ocorre, marcas linguísticas vão sendo deixadas no português brasileiro. Porém, também há certa uma resistência dos falares locais de alguns grupos para adequarem-se à nova língua imposta e por isso, apesar de todos falarem a mesma língua, o português, é possível perceber as diferenças dentro desse mesmo idioma.

Teyssier (2004) aponta que, no Brasil, há uma certa diversidade geográfica e ainda acrescenta:

A realidade, porém, é que as divisões ‘dialetais’ no Brasil no Brasil são menos geográficas que socioculturais. As diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra. [...] Há, desse ponto de vista, uma série de níveis no ‘brasileiro’: no ápice, a língua das pessoas cultas (com gradações entre um registro oficial estrito e um registro familiar livre); depois, a língua vulgar das camadas urbanas gradativamente menos instruídas, e, finalmente, os falares regionais e rurais (TEYSSIER, 2004, p.98).

A língua que, de início, era usada para unir as pessoas no processo de comunicação passou a ser usada também como um instrumento de poder e separação em que um grupo tenta controlar o outro usando como artifício um domínio maior da variação que tem mais prestígio. Esse é o conjunto de variedades faladas pelas classes letradas da sociedade. Elas são assim entendidas pois, devido ao seu mais elevado poder aquisitivo, têm mais um amplo acesso aos bens culturais da sociedade, enquanto as classes populares, por outro lado, têm um acesso consideravelmente restrito a esses bens. A língua usada pelos grupos que estão no topo da pirâmide social passa a servir como modelo de língua ideal, correta, tratada como *norma culta*. Porém, quando se nomeia uma variedade como correta, automaticamente estar-se considerando as demais como erradas.

Eis que surge nossa problemática: Existe uma língua melhor que outra e que deva ser usada como único modelo a ser seguido?

Convém, para chegarmos à resposta a essa pergunta, esclarecer o que vem a ser norma. Esse conceito surge da necessidade de se estabelecer, segundo Faraco (2008, p.31), um “nível teórico” apto a abarcar apropriadamente a heterogeneidade da língua. Para esse autor, “nenhuma língua é uma realidade unitária e homogênea. Só o é, de fato, nas representações imaginárias de uma cultura e nas concepções políticas de uma sociedade” (FARACO, 2008, p.31), isto é, toda língua é heterogênea, sendo a ideia de sua homogeneidade apenas uma concepção abstrata, provavelmente consequente da percepção inevitável das semelhanças entre as diversas variedades de uma língua.

Essa é uma das concepções de norma, segundo Faraco (2008), aquela em que norma é entendida como uma série de fenômenos linguísticos recorrentes em uma língua. Em toda língua há vários fenômenos (morfológicos, lexicais, fonológicos e sintáticos) que lhes são próprios e recorrentes. Assim, norma é aquilo que é normal em uma língua.

Voltando a pergunta feita anteriormente, a resposta é simples: Não! Caso houvesse uma língua melhor que a outra, todos os falantes buscariam fazer uso apenas dela. Não dá para negar que existe uma norma padrão a ser seguida. Ela é ensinada nas escolas, exigida nas provas de vestibulares e, atualmente, percebe-se que a cobrança aumentou consideravelmente até mesmo em situações informais de uso, como nas redes sociais.

É muito comum ver situações de pessoas que sofrem preconceito e viram motivo de piada por escreverem algo “errado” em seus perfis na internet. Essa fuga da norma é vista como motivo para atacar as pessoas, principalmente se elas forem de classe social inferior. O que se percebe é que esse preconceito linguístico que está velado na supervalorização da língua “correta” é na verdade um preconceito social. Vemos que o domínio da língua separa as pessoas em classes e aquelas que não a dominam da forma esperada são vistas

como menos dignas de respeito, aquilo que falam é desmerecido, descreditado, sua variante linguística é desprestigiada.

Possenti (1996, p.33-34) afirma o seguinte:

[...] a) todas as línguas variam, isto é, não existe nenhuma sociedade ou comunidade na qual todos falem da mesma forma; b) a variedade linguística é o reflexo da variedade social e, como em todas as sociedades existe alguma diferença de status ou de papel entre os indivíduos ou grupos, estas diferenças se refletem na língua.

Há muitas explicações para as variações dentro de uma mesma língua. A língua é construída por pessoas e como elas mudam a língua também muda, influenciada por fatores provindos da própria sociedade. De acordo com Bagno (2007, p.46), podemos classificar as variações sociolinguísticas em variações diatópicas que ocorrem pelas diferenças regionais, de acordo com a cultura local; diafásicas que ocorrem em função do contexto comunicativo, adequa-se o modo de falar ao ambiente e ao público; e diastráticas ocorridas através da convivência entre os grupos sociais, como exemplo: advogados, professores, médicos, há sempre uma explicação para os fenômenos linguísticos, o que não há é uma explicação lógica ou justificativa para o preconceito (seja ele de qualquer espécie) que essas pessoas sofrem.

A respeito da discriminação e do preconceito, Gnerre (2009 apud MARTINS, 2017, p.6) faz a seguinte colocação: “Segundo os princípios democráticos, nenhuma discriminação dos indivíduos tem razão de ser, com base em critérios de raça, religião, credo político. A única brecha deixada aberta para a descriminalização é aquela que se baseia nos critérios da linguagem e da educação.”

Na verdade, essa brecha não existe. Segundo a Lei nº 7.716, art. 1º, de 5 de janeiro de 1989, “Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”, ou seja, procedência nacional é justamente em relação ao preconceito que envolve as características de uma pessoa pela região onde mora; quando uma pessoa é alvo de preconceito pela variação que usa, esse preconceito manifesta-se pela procedência nacional. Podemos citar como exemplo a situação do nordestino ao chegar a outras regiões do país.

Atualmente é possível perceber o aumento de campanhas de combate ao preconceito, mas muitas pessoas continuam desconhecendo o preconceito linguístico, tanto por falta de informações a respeito dessa temática como também pelo disfarce usado para que essa atitude seja vista como uma “gentileza”. Orientar alguém para que se fale ou escreva de acordo com a norma padrão da língua não é errado, o problema é como se faz

isso. Essa orientação em tom pejorativo transformando-a numa piada ou a inferiorizando, sem dúvida, não é a maneira ideal.

O melhor lugar para compreender os fenômenos linguísticos é a escola. Nesse ambiente os alunos têm contato com a norma-padrão com uma diversidade de pessoas e, conseqüentemente, de variações linguísticas e com professores capacitados para lidar com essas diferenças. Porém o que é percebido é que nesse anseio de ensinar o “correto”, a escola acaba incentivando indiretamente o preconceito linguístico, ao invés de combatê-lo. Quando o professor corrige o aluno de forma constrangedora ou permite que outros o façam, usando como objeto de humor a língua, ele está contribuindo para transformar o ambiente escolar em uma ferramenta de opressão.

Como afirma Possenti (1996, p.17), ensinar gramática na escola não é algo ruim e “os menos favorecidos socialmente só têm a ganhar com o domínio de outra forma de falar e escrever”, porém é necessário entender que: “Falar contra a ‘gramatiquice’ não significa propor que a escola só seja “prática”, não reflita sobre questões de língua. [...] Trata-se apenas de reorganizar a discussão, de alterar prioridades (discutir os preconceitos é certamente mais importante do que fazer análise sintática [...])” (POSSENTI, 1996, p.55).

Todos os falantes da língua possuem certo domínio da mesma e conseguem expressar suas ideias, manifestando pensamento e opiniões. O uso e flexão da gramática não tornam uns indivíduos menos sábios que outros, apenas demonstram um possível grau de instrução ou letramento maior. Menosprezar a inteligência pela sua falta de técnica gramatical é desprezar um universo de saber que vai muito além da língua, está voltado para a vivência de mundo de cada um.

A SOCIOLINGUÍSTICA E O LIVRO DIDÁTICO

O livro didático é uma ferramenta importante no contexto educacional por contribuir com a construção do conhecimento, mas o papel do professor na condução das aulas é fundamental para que se obtenha uma aprendizagem, além de duradoura, emancipadora. Mais importante que apenas entender o que está no papel, é necessário ter uma postura crítica a respeito dos assuntos.

Como esse trabalho trata da questão da inclusão das variações linguísticas, teremos como ênfase o livro didático de Português e, mais específico ainda, a questão da contribuição da Sociolinguística na elaboração desse material que será usado como principal apoio nas aulas.

Cezario e Votre (2015) evidenciam que:

A sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação (Manual de Linguística, p.141).

A Linguística não faz parte da grade curricular do Ensino Médio, mas seus fundamentos são usados no ensino da língua materna. É dessa forma que a abordagem sociolinguística vem enriquecendo os livros, porém como citou Bagno (2007), no seu livro *Nada na Língua é por acaso*, sempre houve uma resistência em integrar a sociolinguística à sala de aula e esses obstáculos ainda continuam presentes. Por haver um apego às práticas tradicionais de ensino, é difícil introduzir o debate sobre as variedades estigmatizadas, porque isso é visto e recebido como um “empobrecimento” da língua. Além disso, há certa dificuldade por parte de alguns professores em abordar esse assunto de forma mais aprofundada. Muitos desses profissionais estão adaptados a métodos fossilizados de ensino e deixam essa tão valiosa discussão à margem da discussão.

Já é possível observar em alguns livros didáticos, no mínimo, um capítulo a respeito das variações linguísticas. Se não há um capítulo completo, é possível localizar dentro dos textos ou exercícios a abordagem sobre esse tema. Isso representa um avanço na contextualização da discussão acerca do preconceito linguístico, porém pede aprimoramento dos debates e aprofundamento no assunto. Sem o devido acompanhamento pelo professor esse assunto pode acabar não recebendo a atenção que merece. É necessário entender que o importante não é apenas compreender que as variações existem, mas que se tenha consciência de respeitar todos os falantes, independente da variedade que utilizem, pois a língua é uma extensão de quem somos, é a pluralidade de ser e falar que tem esse país tão diferente e plural que é o Brasil.

Toda língua, numa perspectiva sociolinguística, é constituída por um conjunto de variedades. Essas variedades podem ser diferentes na medida em que são diversas, por exemplo, a realidade social de um país influenciará diretamente na linguagem, visto que esses grupos não terão acesso aos mesmos bens culturais nem possuirão o mesmo nível de escolaridade. Assim, dividindo-se os graus de escolaridade em *mais elevado* e *mais precário* temos respectivamente falantes da *norma culta* e da *norma popular*.

De acordo com Bagno (2007), cada grupo social apresenta seu jeito próprio de falar, isto é, seu vernáculo, que ocorre e pode ser observado em situações em que não há um julgamento. O diálogo ocorre de forma simples e natural, cujo único objetivo é que haja entendimento por ambas as partes e apesar de cada grupo ter sua linguagem específica todos são políglotas em sua própria língua, pois são capazes de usar dialetos distintos de

acordo com o ambiente em que estão inseridos e do público com o qual estão interagindo, provando assim o dinamismo que é proporcionado pela oralidade.

Por causa desse dinamismo mais acentuado da norma popular, ela, mais que a norma culta, é heterogênea, muda com o tempo e se adequa às situações de uso enquanto a norma culta, conquanto não deixe de ser dinâmica, é notadamente influenciada pelos usos da expressão formal escrita.

A norma linguística ensinada nas escolas como a forma “certa” de falar e escrever é chamada de norma padrão e, ao ser imposta como modelo ideal, acaba incitando que os modos de falar populares são errados. Esse sistema acaba trazendo consequências para o ensino. Para entender como isso acontece teremos que voltar ao início de tudo.

O ensino de língua materna começa, no Brasil, com os jesuítas. Baseava-se num modelo medieval que consistia no ensino das regras gramaticais do latim, ou seja, a gramática, em sua origem, serve como ferramenta de ensino de uma língua morta; mas seu uso se perpetuou, mesmo com a elevação do prestígio das línguas nacionais que se deu com o fim da idade média. Trata-se de um modelo de ensino cuja ferramenta básica foi desenvolvida para se ensinar uma língua não mais corrente e que possivelmente não seja apto a ser utilizado no ensino de língua materna.

Assim, torna-se compreensível o porquê do distanciamento entre a norma gramatical imposta nas escolas e as normas faladas: porque é característica intrínseca da gramática de manter intacta uma determinada variedade justamente por não ser mais corrente. Mas a língua, sabemos, é heterogênea. E o é pelo fato mesmo de ser corrente e, portanto, mudar com o tempo e se adequar às diversas situações de uso.

Desse modo, tendo a língua um caráter heterogêneo, dinâmico e mutável, o ensino de gramática nas escolas acaba se tornando discriminatório em relação às variedades faladas pelos alunos, as quais serão necessariamente estigmatizadas uma vez que, por serem, cada uma, mais ou menos distantes da norma gramatical serão consideradas “erradas” em comparação com os modelos “certos” impostos pela gramática.

Não faz o menor sentido o prestígio que tem a norma culta em relação à norma popular, pois não há uma melhor que a outra e conseqüentemente mais merecedora de ser ensinada nas escolas, ambas precisam ser trabalhadas. São comuns na fala construções como “nóis vai”, “vou no banheiro”, “eu vi ela” etc, que são classificadas como “erradas” por não seguirem a norma culta, uma vez que essa apresentaria como “corretas” as construções “nós vamos”, “vou ao banheiro”, “eu a vi” etc. As duas formas são corretas linguisticamente falando: uma é a expressão culta e a outra a expressão popular.

UMA BREVE ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO

Após entendermos a necessidade de haver a inclusão da variação linguística no ensino, percebê-la como uma importante ferramenta no combate ao preconceito linguístico e reconhecer o livro didático como o principal recurso para inserção desse tema no ambiente escolar fez-se necessário verificar se esse assunto é (e como é) abordado nos livros didáticos.

Anteriormente foi citado que há muitos contratempos para integrar as contribuições da sociolinguística às aulas de português. Sem o material adequado e a boa condução da aula torna-se um exercício ainda mais difícil praticar as contribuições da sociolinguística. Os alunos acabam entendendo a variação como um instrumento de humor e isso apenas fortalecendo o preconceito em relação às diferenças na língua.

Quando falamos em diferenças linguísticas os primeiros exemplos que vêm a nossa mente são o personagem de Maurício de Sousa, Chico Bento, os poemas de Patativa do Assaré, e as músicas do Rei do Baião, Luiz Gonzaga. Essas ocorrências dão-se pelo fato de que a língua oral é muito acentuada por essa dualidade rural-urbano, nordeste-sudeste, interior-capital. Assim, Chico Bento expressa a variante rural-interior, Luiz Gonzaga e Patativa também trazem consigo esse aspecto do interior, do sertão, além das fortes marcas regionais em suas expressões em músicas ou poemas. Eles são os exemplos mais comuns dados pelos professores para exemplificar o que é variação linguística. Ficar preso apenas a esses nomes traz uma consequência ao ensino, a ideia de que só há variação nas zonas rurais e que, comparado aos centros urbanos, os moradores dessas áreas afastadas falam “errado”.

É necessário esclarecer que a língua é heterogênea e as mudanças jamais deixarão de existir, pois não existe uma língua concluída, só pode haver língua se houver falantes e estes se adequam às novidades sejam elas tecnológicas, de moda etc. e não poderia ser diferente com a língua. É intrigante observar como as mudanças em outras áreas científicas são aceitas, enquanto em se tratando da língua, há como um pedido para que ela permaneça estática. Insistir em ignorar o que é considerado diferente do que a gramática tradicional impõe não faz sentido, pois não há falantes que sigam rigorosamente as regras prescritas, nem mesmo os professores de português que, pela lógica, deveriam estar no topo da pirâmide do “falar bem”.

Isso não ocorre porque, além de tornar a fala muito artificial, a norma padrão é mais um artifício de exclusão do que uma receita para falar corretamente. A escola não deve

continuar reproduzindo esse estereótipo de que um grupo social é melhor do que o outro porque fala “certo”.

Para realizar o nosso trabalho de análise, foram escolhidos dois livros trabalhados em duas escolas públicas diferentes na cidade de Juazeiro do Norte-CE, *Esferas das linguagens* da editora FTD e *Se liga na língua* da editora MODERNA, ambos do 1º Ano do Ensino Médio.

O livro *Esferas das linguagens* foi elaborado por Maria Inês Batista Campos e Nívia Assumpção. Após a leitura, buscamos por meio de uma abordagem descritiva verificar como as obras tratam a heterogeneidade linguística e contribuíam para o combate do preconceito linguístico. O livro é dividido em nove unidades, mas faremos uso apenas da Unidade 2, na qual é explorada a temática em foco.

Dentro desta unidade há dois capítulos destinados a abordar esse assunto. No capítulo 4, intitulado *Variedade linguística brasileira* há uma introdução sobre a contribuição que a língua portuguesa recebeu de outras línguas e sobre palavras de origem indígena, italiana e anglo-saxônica que passaram a fazer parte do nosso vocabulário, foram aportuguesadas com o tempo. Logo no início, o livro esclarece que:

diferentes textos escritos que tratam de nosso país constroem uma variedade linguística que expressa o sentido da cultura brasileira. Não podemos separar os indivíduos da língua que falam, como explica o filósofo da linguagem russo Mikhail Bakhtin. A língua não pode ser compreendida só como um sistema de normas gramaticais fixas, por isso, não se deve impor uma única forma de escrever, sob o pretexto de ser a mais correta. (CAMPOS; ASSUMPÇÃO, 2016, p.43).

Com isso fica claro que o livro não irá se fixar apenas em mudanças de sotaque ou léxico, mas vai estender-se também aos fenômenos gramaticais. Mais adiante, no fim do capítulo, há um quadro em destaque que explica de forma simplificada porque é impossível a língua ser estática, o que é de suma importância para dar início ao trabalho com a variação linguística, pois os alunos já possuem certo conhecimento sobre os processos de mudança pelos quais toda e qualquer língua passa.

FRAGMENTO 1

O plurilinguismo: convivendo com a diversidade

Não há línguas puras. Vivas, elas mudam continuamente e têm importante papel na cultura: os árabes expulsaram os germânicos (godos) da Península Ibérica, mas ficaram com palavras originárias de uma cultura e de outra. Os portugueses e os espanhóis lutaram durante séculos para não ser dominados pelos árabes, que acabaram saindo de Portugal e da Espanha, mas deixaram profundas marcas de sua cultura, principalmente de sua língua.

O Marquês de Pombal quis impor a língua de Portugal no Brasil; no entanto, já tinha havido uma miscigenação cultural no país: os indígenas se aportuguesaram e os portugueses se “indigenizaram”. Por mais que o nheengatu tenha sido proibido, ele se mantém vivo no português brasileiro.

A língua apresenta também variações regionais, como vimos na caracterização da fala do africano e do imigrante italiano.

Essa diversidade de línguas do mundo e da sociedade chama-se **plurilinguismo**, múltiplas vozes que existem ao mesmo tempo na fala das pessoas. É ingenuidade pensar que a língua é única, incontestável e definitiva. Ela é um fato social, histórico, desenvolvido de acordo com as práticas de diferentes grupos sociais e, como tal, obedece a convenções de uso em cada época.

O capítulo 6 intitulado *Variações linguísticas* iniciam explorando as variações regionais e explicando que há vários fatores que influenciam para que haja essa diferença entre os falares dos povos que compõem a identidade do português do Brasil e enfatiza que essas diferenças não tornam uma língua melhor ou mais correta que a outra. Isso pode ser observado no trecho seguinte:

FRAGMENTO 2

Variedades linguísticas

O linguista José Luiz Fiorin explica:

A variação é inerente às línguas, porque as sociedades são divididas em grupos: há os mais jovens e os mais velhos, os que habitam uma região ou outra, os que têm esta ou aquela profissão, os que são de outra classe social e assim por diante. O uso de determinada variedade linguística serve para marcar a inclusão num desses grupos, dá uma identidade para seus membros. Aprendemos a distinguir a variação. Quando alguém começa a falar, sabemos se é do interior de São Paulo, gaúcho, carioca ou português. Sabemos que certas expressões pertencem à fala dos mais jovens, que determinadas formas se usam em situação informal, mas não em ocasiões formais. Saber uma língua é conhecer suas variedades. Um bom falante é poliglota em sua própria língua. Saber português não é aprender regras que só existem numa língua artificial usada pela escola. As variantes não são feias ou bonitas, erradas ou certas, deselegantes ou elegantes, são simplesmente diferentes. Como as línguas são variáveis, elas mudam.

FIORIN, J.L. Considerações em torno do Projeto de Lei nº 1.676/99. In: FARACO, C.A. (Org.).

Estrangeirismos: guerra em torno da língua. São Paulo: Parábola, 2001. p. 113-114.

Fonte: Esferas das linguagens, 2016, p.57.

Após esse fragmento, o livro traz textos representando a fala de diferentes povos e sugere que o aluno, após a leitura deles, reflita se ele se considera um poliglota dentro da sua própria língua, mostrando dessa forma que ampliar o repertório linguístico é fundamental para manter uma boa comunicação em diferentes espaços e situações.

Adiante, são expostas as variações que ocorrem por grupos sociais, chamadas de gírias e jargões, ressaltando que a variante deve ser adequada à situação de interação para

que haja compreensão por ambas as partes e que o uso dessas variantes dá identidade aos membros do grupo (assim como ocorre com as outras variantes linguísticas).

Outro ponto que merece destaque dentro desse livro é a elaboração dos exercícios propostos. É sugerido aos alunos que busquem dentro dos textos exemplos de uso diferente da norma padrão escrita, esclarecendo dessa forma que há diferenças entre a fala e a escrita. Além disso, para não ficar apenas em exemplos teóricos, ao final do capítulo é sugerido aos alunos um estudo de forma prática, em que deverão marcar a identidade linguística dos diferentes grupos sociais que participam, construindo uma espécie de mapa linguístico após um período de observação das variações da língua falada.

O outro livro selecionado para essa análise foi o *Se liga na língua*, elaborado por Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, da Editora Moderna. Enquanto no livro *Esferas das linguagens* há dois capítulos destinados ao debate sobre as variações linguísticas, no livro *Se liga na língua* o tema é abordado apenas em alguns tópicos do capítulo 17, intitulado *Linguagem e língua*.

No tópico *Língua e variação linguística* há uma breve definição do significado de língua e de suas características, além de conceituar o que é variação linguística. O livro traz como uma das variações mais perceptíveis, as diferenças no uso da língua da Comunidade Lusófona, e não se aprofunda muito, de início, sobre a pluralidade de línguas no Brasil.

Avançando na leitura, o livro traz quadros explicativos sobre os diferentes tipos de variação: histórica ou temporal, social e regional. Fala ainda sobre os fatores que influenciam cada uma delas, além de abordar e exemplificar o que é gíria e jargão através de tirinhas e infográfico, respectivamente.

É possível perceber que o livro separa a norma padrão da norma culta e ainda faz uma crítica a gramática tradicional por considerar a língua homogênea. É o que pode ser verificado nos seguintes fragmentos:

FRAGMENTO 3

As variedades linguísticas empregadas pelas pessoas que vivem nas grandes cidades e têm maior escolaridade são chamadas **variedades urbanas de prestígio**. Elas são usadas em livros, revistas, produções acadêmicas, telejornais, discursos, entrevistas de emprego e outras situações semelhantes de comunicação. A expressão *variedades urbanas de prestígio* tem sido preferida à expressão *norma culta*, que sugere um uso uniforme da língua, embora ambas apareçam como sinônimas em alguns contextos.

Fonte: *Se liga na língua*, 2016, p.248.

FRAGMENTO 4

As gramáticas e os dicionários apresentam a **norma-padrão**, um modelo de uso da língua construído com base na análise de textos escritos de portugueses e brasileiros cultos, muitos deles autores de séculos ou décadas passadas. Esse modelo oferece uma visão homogênea da língua, porque praticamente desconsidera as variedades linguísticas. Por esse motivo, a norma-padrão é apenas uma referência, um ideal linguístico. Mesmo os falantes das variedades urbanas de prestígio, que são as que mais se aproximam dessa norma, abandonam ou modificam as regras que não lhes parecem adequadas às suas necessidades reais de comunicação.

Fonte: Se liga na língua, 2016, p. 248.

Por meio dos quadros explicativos e textos trabalhados, os autores procuram deixar claro que não há uma única língua correta e que a escola tem a missão de colocar o aluno em contato com variedades diferentes da sua. Deve ensiná-los a respeitar os falantes independentemente de seu repertório linguístico.

Em ambos os livros analisados fica evidente que ao escolher a variedade linguística deve-se sempre considerar o ambiente e a situação em questão, é necessário fazer uma adequação linguística de acordo com o grau de formalidade exigido.

As obras analisadas preocupam-se em abordar os fatores socioculturais que cercam a língua através de um trabalho de reeducação sociolinguística que consiste em:

Ampliar o repertório linguístico do aprendiz, em expandir sua competência comunicativa, de modo que ele se apodere também das regras gramaticais que não pertencem à sua variedade, sobretudo aquelas que vão permitir que ele seja capaz de produzir textos escritos nos mais diferentes gêneros e de empregar a língua falada em situações de interação as mais diversas, inclusive em instâncias públicas e formais (BAGNO, 2007, p. 134).

A escola precisa perceber que o aluno não é uma folha em branco. Ao ter o primeiro contato com esse ambiente o mesmo já possui uma gramática internalizada, que é o que permite com que ele se comunique. Portanto, o aluno deverá ser exposto a variações linguísticas que ele ainda não conhece, mas deve conhecer para conseguir dominar a escrita de diferentes gêneros textuais. Deixar o aluno livre para mostrar o que ele já sabe é o melhor método para descobrir o que ele ainda precisa aprender. É dessa forma que deveria ser introduzido os conceitos da gramática normativa, valorizando antes de tudo o conhecimento que o educando traz consigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras analisadas trazem a discussão à cerca das variações linguísticas por reconhecerem a importância de integrar essa temática às aulas de língua portuguesa,

visando combater o preconceito linguístico e a exclusão daqueles que não dominam a norma padrão e são estigmatizados diariamente.

Os livros didáticos ainda precisam melhorar em alguns aspectos, como por exemplo, apresentar exemplos de diferenças também entre as variantes características das variedades prestigiadas (pessoas escolarizadas, com maior poder aquisitivo, moradores dos centros urbanos). Ao não realizar essa abordagem, fica subentendido que entre esses grupos há uma uniformidade linguística, e isso não existe.

Apesar de o livro didático ser uma ferramenta importante em sala de aula, se não houver uma boa atuação por parte do professor, ele será inútil. É de suma importância que esses profissionais reconheçam que o preconceito linguístico é tão prejudicial quanto os outros preconceitos e assumam verdadeiramente uma atitude de combate, além de perceber no ambiente escolar o melhor local para estimular esse debate pois é onde o aluno passa 1/3 da vida e terá contato com pessoas de diferentes lugares, classes sociais e costumes.

Aceitar as contribuições da sociolinguística para o ensino de língua materna não significa abandonar o ensino de gramática. Significa reconhecer que ao chegar à escola, o aluno já domina o idioma na sua modalidade popular e que a função da escola não é ensinar o que ele já sabe, mas oferecer condições para que ele aprenda outras variedades, incluindo a norma padrão, uma vez que esta será cobrada em contextos formais de uso, além de promover um ensino preocupado em estabelecer o respeito à diversidade linguística do nosso país.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CAMPOS, Maria Inês Batista; ASSUMPÇÃO, Nívia. **Esferas das linguagens** - 1º ano. São Paulo: FTD. (Coleção Esferas das Linguagens)

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 200 p.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. **SOCIOLINGUÍSTICA**. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo **Manual de Linguística** (Org.). 2. ed., 3º reimp. São Paulo: Contexto, 2015.

MARTINS, Maridelma Laperuta. Preconceito Linguístico: Origem na Sociedade; Término na Escola. **Revista Observatório**. Palmas: Universidade Federal do Tocantins, 2017.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua:** literatura, produção de texto, linguagem. 1.ed. São Paulo: Moderna, 2016.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996. (Coleção Leituras no Brasil)

RAZKY, Abdelhak; FEITEIRO, Sandra Regina. **Sociolinguística e livro didático:** uma análise exploratória. SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 18/1, p.309-332, jun 2015.

TEYSSIER, Paul. **História da língua Portuguesa.** 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Ted. Celso Cunha.

Capítulo 03

A MÚSICA COMO RECURSO NEURODIDÁTICO DE ENSINO APRENDIZAGEM

JAQUELINE DE ARAÚJO SILVESTRE BATISTA¹²

SUELANE DA SILVA FERREIRA¹³

NAYARA COSTA GUIMARÃES¹⁴

CLÁUDIA SOUSA MELO E SILVA¹⁵

VALDIRENE DA SILVA¹⁶

MARISLANIA DE OLIVEIRA SILVA¹⁷

INTRODUÇÃO

Para refletir sobre o efeito da música dentro da visão da Neurociência, faz-se necessário, uma retrospectiva histórica, abordando os principais momentos em que o tema em questão serve como mola propulsora para o ensino aprendizagem.

O presente trabalho se propõe a buscar a relação existente entre a Neurociência e a Neurodidática. Para efeito de pesquisa busca-se coletar o máximo de informações em escritos verdadeiros sendo que a busca virtual está inclusa e esta será feita obedecendo aos moldes da Associação Brasileira das Normas Técnicas (ABNT).

O referencial teórico está embasado em alguns autores como Beiveke (2001), Loureiro (2002), Moraes (1986), Paranhos (1995), Oliveira (1999), Penna (2003) e outros que de uma forma ou de outra prestaram sua contribuição a este trabalho. Busca-se entender a Neurociência como uma das áreas do conhecimento biológico que utiliza os achados de subáreas que a compõe a fim de esclarecer como funciona o sistema nervoso (SN).

¹² Graduada em Letras/inglês pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2132269306026196>

¹³ Graduada em Letras pela Universidade Regional do Cariri. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3950933045214514>

¹⁴ Mestranda em História pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4270275853305090>

¹⁵ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5254486288358912>

¹⁶ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1658719250811868>

¹⁷ Graduada em Letras Pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3201322169263163>

Com isto, ao estudar o sistema nervoso (SN) os cientistas tentam explicar que a aprendizagem nasce no trabalho do cérebro, que por sua vez trata do desenvolvimento químico, estrutural, funcional, evolutivo e patológico, estabelecendo relação com o comportamento e a mente.

Para efetivar todas essas ações, a neurociências lançam mão de diversas áreas do conhecimento, constituindo-se uma prática multidisciplinar.

A relação existente entre a Neurociência e a Neurodidática condiz com o desenvolvimento de técnicas modernas para o estudo da atividade cerebral.

A justificativa de desenvolver um trabalho que busca utilizar a música como recurso neurodidático, encontra-se na necessidade ou eminência de mudar os atuais modelos pedagógicos que se encontram ainda baseados em modelos que apenas impõe o ensino ao aluno não proporcionando-o a oportunidade de pensar visto que diante das transformações do mundo globalizado esse aspecto é fundamental para o futuro profissional das crianças, jovens e adolescentes.

O presente trabalho encontra-se dividido em quatro partes sendo que na primeira parte apresenta as teorias sobre a neurociência. A seguir procura-se focalizar no modo como os profissionais da educação desenvolverão o seu trabalho no ambiente escolar.

E, para finalizar é feita uma abordagem sobre os instrumentos que serão utilizados para o desenvolvimento de habilidades musicais.

Com isto espera-se fazer uma contribuição mesmo que modesta para as escolas, podendo repensar suas metodologias e assim introduzir o lúdico na educação percebendo a importância da música utilizando-a como recurso neurodidático.

INTRODUÇÃO A NEUROCIÊNCIAS

As pesquisas do século XIX estão priorizando o estudo do cérebro destacando a área neurocientífica. Segundo Floud E. Bloom (página e ano), “a neurociência é a área multidisciplinar de conhecimento que analisa o sistema nervoso para atender as bases biológicas do comportamento.”

Com isto, ao estudar a caixa craniana os cientistas tentam explicar que a aprendizagem nasce no trabalho do cérebro, este por sua vez trata do desenvolvimento químico, estrutural, funcional, evolutivo e patologias do sistema nervoso, estabelecendo relação com o comportamento e a mente.

Para efetivar todas essas ações, a neurociências lançam mão de diversas áreas do conhecimento, constituindo-se uma prática multidisciplinar.

Sabe-se que o cérebro é o principal órgão e centro do sistema nervoso (SN) em todos os seres humanos ele contém cerca de 100 bilhões de neurônios, ligados por mais de 10,000 conexões sinápticas cada. Esses neurônios comunicam-se por meio de fibras protoplasmáticas chamadas axônio, que conduzem pulsos em sinais chamados potencial de ação para partes distantes do cérebro e do corpo e as encaminham para serem recebidas por células específicas. Entretanto a função importante do cérebro é a de gerador de comportamentos que promovam o bem-estar do ser humano, controlando o comportamento, seja ativando músculos, seja causando a secreção de substâncias químicas, como os hormônios.

A Neurociência trabalha na linha do conhecimento cognitivo utilizando ferramentas que abordam não somente a área do conhecimento bem como a área emocional. Ignorar a afetividade como ferramenta de ensino e aprendizagem é praticar uma educação que não aborda a emoção na sala de aula e isso traz prejuízos para a ação pedagógica, pois a ausência de afetividade ou o excesso dela pode atingir não só ao professor, mas também ao aluno. E, se o professor não souber lidar com crises emocionais, isso poderá provocar desgastes físico e psicológico.

COMO APRENDER A MÚSICA DESENVOLVENDO A NEURODIDÁTICA

A educação deve ser vista como um processo global, progressivo e permanente, que necessita de diversas formas de estudos para seu aperfeiçoamento, pois em qualquer meio sempre haverá diferenças individuais, diversidade das condições ambientais que são originários dos alunos e que necessitam de um tratamento diferenciado. Neste sentido deve-se desencadear atividades que contribuam para o desenvolvimento da inteligência e pensamento crítico do educando, exemplo: práticas ligadas a música e a dança, pois a música torna-se uma fonte para transformar o ato de aprender em atitude prazerosa no cotidiano do professor e do aluno.

A criança precisa ser sensibilizada para o mundo dos sons, pois, é pelo órgão da audição que ela possui o contato com os fenômenos sonoros e com o som. Quanto maior for a sensibilidade da criança para o som, mais ela descobrirá as suas qualidades. Portanto é muito importante exercitá-la desde muito pequena, pois esse treino irá desenvolver sua memória e atenção.

FARIA (2001), define que a música é um importante fator na aprendizagem, pois a criança desde pequena já ouve música, a qual muitas vezes é cantada pela mãe ao dormir,

conhecida como ‘cantiga de ninar. Na aprendizagem a música é muito importante, pois o aluno convive com ela desde muito pequeno.

A música quando bem trabalhada desenvolve o raciocínio, criatividade e outros dons e aptidões, por isso, deve-se aproveitar esta tão rica atividade educacional dentro das salas de aula.

A música e a dança atuam no corpo e desperta emoções, neste sentido ela equilibra o metabolismo, interfere na receptividade sensorial e minimiza os efeitos de fadiga ou leva a excitação do aluno.

Para STABILE citado por ESTEVÃO (2002, p. 34) “a música e a dança permitem a expressão pelo gesto e pelo movimento, que traz satisfação e alegria. A criança aprende e se desenvolver através dela”.

A expressão musical desempenha importante papel na vida recreativa de toda criança, ao mesmo tempo em que desenvolve sua criatividade, promove a autodisciplina e desperta a consciência rítmica e estética. A música também cria um terreno favorável para a imaginação quando desperta as faculdades criadoras de cada um. A educação pela música proporciona uma educação profunda e total.

Segundo Faria, “A música como sempre esteve presente na vida dos seres humanos, ela também sempre está presente na escola para dar vida ao ambiente escolar e favorecer a socialização dos alunos, além de despertar neles o senso de criação e recreação.” (2001, p. 24)

A escola, enquanto espaço institucional para transmissão de conhecimentos socialmente construídos, pode se ocupar em promover a aproximação das crianças com outras propriedades da música que não aquelas reconhecidas por elas na sua relação espontânea com a mesma.

Cabe aos professores criar situações de aprendizagem nas quais as crianças possam estar em relação com um número variado de produções musicais não apenas vinculadas ao seu ambiente sonoro, mas se possível também de origens diversas, como, de outras famílias, de outras comunidades, de outras culturas de diferentes qualidades: folclore, música popular, música erudita e outros.

As atividades musicais nas escolas devem partir do que as crianças já conhecem desta forma, se desenvolve dentro das condições e possibilidades de trabalho de cada professor.

O autor ainda diz que: “A música passa uma mensagem e revela a forma de vida mais nobre, a qual, a humanidade almeja, ela demonstra emoção, não ocorrendo apenas

no inconsciente, mas toma conta das pessoas, envolvendo-as trazendo lucidez à consciência.” (FARIA, 2001, p. 4).

A música como qualquer outra arte acompanha historicamente o desenvolvimento da humanidade e pode se observar ao analisar as épocas da história, pois em cada uma, ela está sempre presente. Além disso, é algo constante na vida da humanidade, pode-se comprovar isto, em todos os registros da trajetória da história.

As crianças sabem que se dança música, isto é, que a dança está associada à música, e geralmente sentem grande prazer em dançar. Se os professores levarem isso em conta e considerarem como ponto de partida o repertório atual de sua classe (os das crianças e o próprio) e puderem expandir este repertório comum com o repertório do seu grupo cultural e de outros grupos, criando situações em que as crianças possam dançar, certamente estarão contribuindo significativamente para a formação das crianças. (ESTEVÃO, 2002, p. 33)

A música na vida do ser humano é tão importante como real e concreta, por ser um elemento que auxilia no bem-estar das pessoas. No contexto escolar a música tem a finalidade de ampliar e facilitar a aprendizagem do educando, pois ensina o indivíduo a ouvir e a escutar de maneira ativa e refletida.

Ducorneau (1984), diz que o primeiro passo para que a criança aprenda a escutar bem consiste em permitir que ela faça experiências sonoras com as qualidades do som como o timbre, a altura e a intensidade, depois disso, estará em posição de escuta.

A criança que consegue desenvolver pouco a pouco a apreciação sensorial, aprende a gostar ou não de determinados sons e passa a reproduzi-los e a criar novos desenvolvendo sua imaginação. A boa música harmoniza o ser humano, trazendo-o de volta a padrões mais saudáveis de pensamento, sentimento e ação.

A música afeta de duas maneiras distintas no corpo do indivíduo: diretamente, com o efeito do som sobre as células e os órgãos, e indiretamente, agindo sobre as emoções, que influenciam numerosos processos corporais provocando a ocorrência de tensões e relaxações em várias partes do corpo. Para GAINZA (1988), a música é um elemento de fundamental importância, pois movimenta, mobiliza e por isso contribui para a transformação e o desenvolvimento.

A música não substitui o restante da educação, ela tem como função atingir o ser humano em sua totalidade. A educação tem como meta desenvolver em cada indivíduo toda a perfeição de que é capaz. Porém, sem a utilização da música não é possível atingir a esta meta, pois nenhuma outra atividade consegue levar o indivíduo a agir. A música atinge a motricidade e a sensorialidade por meio do ritmo e do som, e por meio da melodia, atinge a afetividade.

De acordo com Stefani (1987), a música afeta as emoções, pois as pessoas vivem mergulhadas em um oceano de sons. Em qualquer lugar e qualquer hora respira-se a música, sem se dar conta disso. A música é ouvida porque faz com que as pessoas sintam algo diferente, se ela proporciona sentimentos, pode-se dizer que tais sentimentos de alegria, melancolia, violência, sensualidade, calma e assim por diante, são experiências da vida que constituem um fator importantíssimo na formação do caráter do indivíduo.

Para isso a Neuropedagogia se apresenta como uma nova teoria, que diferente das outras, não se prende às discussões filosóficas, mas à praticidade do funcionamento cerebral e suas relações com o processo de aprendizagem, constitui-se como elemento somatizador às teorias anteriores.

Para o educador preocupado em resolver as peculiaridades do processo de aprendizagem, faz-se necessário além do conhecimento acerca das práticas educacionais instituídas pelos modelos educacionais, a concepção sobre o funcionamento cerebral dos educandos e suas implicações no processo de aprendizagem. Como poetiza Rubem Alves, educar requer conhecimento e significação.

A significação dos conceitos trabalhados em sala de aula é fundamental para a aprendizagem, sem ela o sistema nervoso central não encontra estímulo para captar as informações que lhe são apresentadas. A prática pedagógica deve se pautar na afetividade, na introdução de conceitos por meio de estímulos do sistema nervoso periférico, que está relacionado aos sentidos, para que em seguida, o sistema nervoso central seja instigado a exercer sua função de acomodação, equilíbrio e adaptação dos conceitos propostos pelo educador aos alunos e o fracasso educacional seja superado.

Conforme afirma DAS: “A aprendizagem envolve uma integridade neurodialógica e um contexto sociocultural facilitador, ou seja, um processo equilibrado e mutuamente influenciado entre a hereditariedade e o meio ou entre o organismo e o seu envolvimento.” (1998, apud FONSECA, 2008, p. 65).

Nesse sentido cabe o educador respeitar a capacidade de aprendizagem de CAD educando os processos cognitivos. E a atenção. O contexto deve ser propício para o aprendiz, desenvolvendo nele o interesse pelo o que está sendo aprendido. Assim, ensinante e aprendiz devem estar na mesma sintonia.

Deste modo, é preciso que educadores conheçam as teorias relacionadas à Neuropedagogia e aprendam a trabalhar com os sistemas nervoso central e nervoso periférico, responsáveis pela aprendizagem e ordenação dos sentidos, além de conhecer a realidade de seus alunos, para que a partir dela, tracem sua ação pedagógica.

CONTRIBUIÇÃO DA MÚSICA NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

Assumir a tarefa de educar é aceitar para si mesma grande responsabilidade. Precisam-se os mestres saber que seu dever primeiro, é estudar seu aluno, conhecer o seu caráter, talentos, conflitos e possibilidades tratando de incuti-lhes fé em si mesmos e na vida; ou seja, aprender a ensinar.

Faz-se parte das responsabilidades do educador descobrir novos caminhos que possam facilitar o processo/aprendizagem, assim como aqueles que contribuíam para a formação de um caráter positivo, inserindo na sociedade cidadãos descentes e conscientes de seu papel. Assim, a música é um recurso que se mostra de suma importância para esse processo de aprendizagem.

Pode-se dizer que o educador moderno já não possui a determinação de dar simplesmente instrução a seus alunos. Esse aspecto é apenas um e não o mais importante de todos dentre as tarefas que o educador deve enfrentar.

Assumir a tarefa de educar é aceitar para si uma grande responsabilidade. Os mestres precisam saber que seu dever primeiro é estudar seu aluno, conhecer o seu caráter, talentos, conflitos e possibilidades tratando de incutir-lhes fé em si mesmos e na vida; ou seja, aprender para poder ensinar.

Nesse sentido faz parte das responsabilidades do educador descobrir novos caminhos que possam facilitar o processo de ensino/aprendizagem, assim como aqueles que contribuam para a formação de um caráter positivo, inserindo na sociedade cidadãos descentes e conscientes de seu papel. Nesse intuito cremos, que a música possa mostrar-se como importante instrumento pedagógico.

Poderíamos dizer que o educador moderno já não possui a determinação de dar simplesmente instrução a seus alunos. Esse aspecto é apenas um e não o mais importante de todos dentro as tarefas que o educador deve enfrentar em seu esforço por promover o desenvolvimento harmonioso das potencialidades de seus alunos dentro do âmbito de uma educação permanente. Hoje o que se busca, é, então, a formação de cidadãos críticos e cientes do papel que desempenham na sociedade.

A pedagogia deste século está marcada pelo crescente amadurecimento dos conhecimentos psicológicos. O ensino da música é uma mostra deste fato, tendo em vista que se utiliza de um recurso que inicialmente seria visto como forma de lazer, para facilitar o processo de aprendizagem e principalmente para despertar a criticidade das crianças.

A conduta musical de acordo com Gainza “É complexa, uma vez que expressa os diferentes aspectos ou elementos que concernem tanto ao objeto-música-, quanto ao

sujeito – homem-. Além disso é heterogenia pois comporta um constante jogo entre os atributos ou características do objeto do sujeito e do objeto internalizado. (1988, apud FRANCO, p. 18).

Um objeto sonoro ou instrumento musical qualquer tente a penetrar no campo auditivo dos sujeitos que se encontram dentro de seu raio de ação, em maior ou menor grau de absorção. Esses são levados a refletir sobre os processos de absorção e formulação da música sendo portanto um aspecto positivo a ser utilizado nas escolas, principalmente nos anos iniciais quando o aluno está em fase de desenvolvimento de seu potencial e de formação de seu caráter.

Entretanto, a implantação dessa prática pedagógica, requer envolvimento do professor no planejamento de suas ações, e não simplesmente execução de ações planejadas por outros. É preciso que ele seja co-autor dos processos de mudanças, que seja comprometido e capaz de repensar sua prática numa ação reflexiva.

Percebe-se que a música faz parte da cultura de todos os povos, desta forma pode-se considerá-la como forma de expressão, e forma de comunicação, enquanto linguagem cultural. A comunicação existe como forma de interação entre os homens e não é um fenômeno novo. Desde os desenhos nas paredes das cavernas, para situar historicamente nossa regressão cronológica, o Homem, utilizando-se de gestos, sons e representações ilustrativas sobre as superfícies de pedra e areia (pinturas rupestres), dava a ver a seu interlocutor elementos de sua vida, seus temores, suas descobertas, enfim, comunicava-se. Em tempos tão remotos a maneira de comunicar já estava associada a maneira de viver, a crenças, a lendas, a mitos, provenientes de resultado da vivência dos clãs e, sua troca de experiência. (PEREIRA, 2003).

Portanto, a música como uma manifestação ou produto dos seres humanos, configura-se como uma área de conhecimento humano que varia de cultura para cultura e que atua, trabalha, desenvolve e produz conhecimentos. Esta variação espaço temporal manifesta-se tanto nos aspectos especificamente musicais, quanto na maneira como diferentes culturas se relacionam com as músicas e, mais especificamente, como ocorrem de modos diversificados os processos de ensino e aprendizagem desta linguagem.

Assim sendo, o ensino da música na escola e/ou sua utilização para facilitar o processo de ensino/aprendizagem coloca em voga não apenas a questão da interpretação, do desenvolvimento da criticidade, mas também fornece a criança novas formas de se expressar e principalmente ajuda-as a desenvolver novas percepções sobre diferentes culturas e seu processo de formação.

Compreende-se que a escola enquanto espaço para o ensino-aprendizagem através do envolvimento das crianças com músicas, em diferentes especialistas, constitui-se em um grande desafio, mas que se superado, crê-se que possa render bons frutos.

Beineke (2001), diz que olhar para a música que acontece no contexto geral da escola também permite vislumbrar uma gama de funções e significados que vão muito além daquilo que os educadores musicais costumam considerar como parte do processo educativo. Algumas cenas podem nos ajudar a refletir sobre isso: a música toca a todo volume no recreio, enquanto algumas crianças brincam outras dançam, outras comem a merenda e outras cantam; todas em silêncio ouvindo uma gravação na aula de música, balançando o corpo de forma contida, sob o olhar de desaprovação do professor; a música da hora cívica; o coral da escola que se apresenta em todas as ocasiões especiais, servindo como cartão de visitas da instituição; o barulho da aula de música, o silêncio.

A música no contexto da educação vem ao longo de sua história, atender a vários objetivos. Essa tem sido em muitos casos, suporte para atender a vários propósitos, como a formação de hábitos, atitudes e comportamentos tais como lavar as mãos antes do lanche, escovar os dentes, respeitar as leis de trânsito, dentre outras.

Considera-se a música que acontece no contexto geral da escola como parte do processo educativo, o que equivale dizer que faz parte do processo de ensino-aprendizagem. É importante frisar-se que em considerar a caracterização e utilização da música como forma de ensino, não significa concordar que a vivência musical se restrinja ao “uso” de canções que costumam ser acompanhadas por gestos corporais, imitados pelas crianças de forma mecânica e invariável.

Acredita-se em suma, no potencial educativo desses saberes que, de modo informal, mas escolar, fazem parte da vida escolar das crianças e dos profissionais que atuam na escola.

As atividades musicais, e, mais especificamente, os cantos nas rotinas escolares contribuem-se não apenas para a legitimação das condições estruturais que são estabelecidas para a atividade educacional na escola, mas também para os processos de subjetivação das crianças na constituição dos espaços e tempos, em virtude de que a percepção do tempo resulta de uma construção social.

Aproveitar essa força da música, remete-se ao professor a usá-la como recurso didático. Levar para dentro da sala de aula músicas que podem ter suas letras relacionadas aos conteúdos estudados ou o momento que se vivencia no presente, fazer com que a criança aprenda a interpretar e a compreender as muitas influências da música e da arte

em geral no comportamento do homem nas diferentes fases econômicas, políticas, sociais, ambientais e religiosas que este atravessa.

A presença da música na educação brasileira não é algo recente. Recentes são os novos olhares e métodos em relação a música e sua utilização nas escolas.

À partir da LDB Lei nº. 9394/96, a Arte passou a ser considerada obrigatória na educação básica, levando o movimento Educação – Arte a uma evolução a qual gerou discussões que culminaram em novas concepções e metodológicas para o ensino e a aprendizagem de artes na escola.

Por ser, talvez, a manifestação artística com a qual os alunos mais interajam no seu cotidiano, a música tem sido encarada pelos professores como opção mais fácil e acessível de utilizar a arte como facilitador do processo ensino – aprendizagem e como forma de despertar as crianças para a arte.

No processo educativo que se usa a Música como recurso didático existe um saber compartilhado entre professor e o aluno, que possibilita que ambos participem. E o professor quando planeja a atividade deve levar-se em conta a compreensão musical que os alunos possuem respeitando opiniões e ajudando-os a irem além do senso comum nas suas interpretações.

Desta forma é necessário que os professores estejam preparados para trabalhar a música como recurso didático de modo ágil e simples, que auxilie e possibilite sua ação na educação. Portanto, como todo ou qualquer procedimento pedagógico para que a utilização da música alcance seus objetivos é preciso o envolvimento de todas as partes, começando pelos professores, alunos, diretoria, funcionários em geral e os pais.

Assim nos PCN's encontraremos:

Para que aprendizagem da música possa ser fundamental na formação de cidadãos é necessário que todos tenham a oportunidade de participar ativamente como ouvintes, interpretes, compositores e improvisadores, dentro e fora da sala de aula. Envolvendo pessoas de fora no enriquecimento do ensino e promovendo interação com os grupos musicais e artísticos das localidades, a escola pode contribuir para que os alunos se tornem ouvintes sensíveis, amadores talentosos ou músicos profissionais. Incentivando a participação em shows, festivais, concertos, eventos da cultura popular e outras manifestações musicais, ela pode proporcionar condições para uma apreciação rica e ampla onde o aluno aprende a valorizar os momentos importantes em que a música se inscreve no tempo e na história. (1997, p. 32).

É desta maneira que o ensino de música deveria ser visto na escola. Assim, a comunicação e expressão em músicas (na interpretação, improvisação e composição), a apreciação significativa em música (escuta, envolvimento e compreensão da linguagem

musical) e a música como produto cultura e histórico (música e sons do mundo), faria parte do objetivo de cada escola.

A música enquanto prática pedagógica de ensino aprendizagem pode ser utilizada de várias formas. Podem-se realizar audições musicais com seus alunos por meio de formação de corais, grupos de dança, coral de flautas, complementando e de maneira eficaz a educação do aluno como um todo. Com a realização desses tipos de eventos, os alunos, também tem a oportunidade de se apresentar aos pais, quer dançando, tocando, cantando ou interpretando, com isso a escola contribui para desinibir os alunos mais tímidos e também dar oportunidades aos talentos de desenvolverem suas habilidades e competências.

Reconhecer e considerar o gosto musical dos alunos no processo educativo não pode significar, de forma alguma, restringir o uso da cultura musical dos alunos. É na relação dialética entre o patrimônio musical dos alunos que o professor deve buscar os caminhos para tematizar o ensino de música na escola. Diante da variedade musical, a que se expõem certamente os alunos vão preferir este ou aquele gênero de acordo com seu “gosto”, que é construção historicamente na relação com o contexto cultural.

A IMPORTÂNCIA DA NEURODIDÁTICA E A MÚSICA NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

No contexto pedagógico, ainda se desenvolvem práticas educativas que, de alguma forma, excluem o aluno que apresenta um desempenho diferenciado, geralmente considerado aquém das expectativas da escola. Frequentemente, o conhecimento é organizado em um enfoque determinista e padronizado, o que dificulta o desenvolvimento de um trabalho em que o aluno se utiliza de maneiras diferentes no momento de construir seu aprendizado (BEZERRA, 2003).

Quando consideramos que o indivíduo possui várias competências e que cada uma delas se desenvolve e atua de maneira diversificada, a avaliação, necessariamente, deverá contemplar, de forma singular, o desenvolvimento de cada aluno e suas diferentes habilidades. O educador pode avaliar seus educandos diariamente, registrando seus avanços, dificuldades, interações e participação nas aulas. E essas observações informais podem oferecer elementos valiosos para uma avaliação mais abrangente. Assim, a partir desses dados construídos durante um determinado período, se organiza sessões de discussão com pequenos grupos ou com toda a turma para que os alunos se auto-avaliem e avaliem também a qualidade do ensino trabalhado. Pois, segundo Campbell (2000), se

um dos objetivos da educação é desenvolver cidadãos autônomos e críticos, os alunos precisam de oportunidades para lidar com sua própria aprendizagem e criticar seu desempenho. Quando eles envolvem-se em discussões sobre os aspectos positivos do seu desenvolvimento, os que necessitam avançar nesse processo percebem melhor a aprendizagem.

Além de propor estratégias diferenciadas para aprendizagem e o desenvolvimento do aluno como um todo, os estudos sobre as Múltiplas Competências contribuem de forma especial para se representar o conceito de dificuldade de aprendizagem, pois os alunos que apresenta tal dificuldade pode ter facilidade em outro aspecto exigindo apenas outro recurso de aprendizagem. Neste contexto a música apresenta um rico estímulo para a aprendizagem, uma vez que ela propicia várias formas/ritmos de aprendizagem.

A variedade de metodologias de ensino é importante por entendermos que não existe uma determinada estratégia que funcione bem para todos os alunos. Assim também como não há uma metodologia ou um único instrumento de aprendizagem que sirva para toda a classe, pois, acredita-se que cada educando possui um desenvolvimento singular o que requer, do professor, diferentes formas de se trabalhar os conteúdos e, necessariamente, processos individuais de ensinar.

Outra questão que evidencia a necessidade de se trabalhar com diferentes estratégias pedagógicas é despertar o interesse do educando, motivando-o a desafiar o que ele ainda não aprendeu e a superar suas limitações no movimento de construção do conhecimento.

Novas pesquisas no campo da Psicologia (ROSS, 2006) mostram que a maioria dos indícios psicológicos aponta que a habilidade humana não é inata e sim adquirida, por isso, a motivação pode ser um fator mais importante que a capacidade inata no desenvolvimento de habilidades. Isso pode indicar que o aluno, mesmo apresentando capacidade para determinada área do conhecimento, deve exercitar essa aptidão.

A articulação das diferentes competências no contexto da sala de aula é uma tarefa complexa para o educador, pois além da variedade de habilidades apresentadas pelos educandos, há uma grande diversidade de formas de aprendizagem, de necessidades, de sentimentos e de desejos na relação do aprender. Lidar com os diferentes desempenhos é um grande desafio, pois a disposição para o aprender não depende somente da criança, envolve um conjunto de fatores materiais, sociais, emocionais. Desse modo, o educador deve manter altas expectativas de aprendizagem para todos.

O saber lidar com os diferentes desempenhos vem sendo estudado, cada vez mais, por pesquisadores que afirmam não bastar somente saber ensinar, mas compreender como

se desenvolvem as variadas formas de aprendizagem no contexto da sala de aula. Pesquisas recentes, na área da Pedagogia Neurocientífica, mostram que profissionais de diversas áreas do conhecimento recorrem aos estudos dos mecanismos cerebrais para avançarem no ensino, principalmente em questões decorrentes de dificuldades no processo de escolarização. Essa área da Pedagogia defende a compreensão de que é preciso educar valorizando a mediação do outro sem perder de vista as capacidades individuais.

Para os pesquisadores da Pedagogia Neurocientífica, um ambiente acolhedor na sala de aula, que possibilite a manipulação de materiais coloridos, jogos, diferentes formas de apresentação da temática de ensino e o contato com novas experiências, estimula o desenvolvimento neural e pode ampliar as conexões cerebrais (Leal, 2006). A aprendizagem não ocorre do nada, a interação com diferentes elementos e a mediação do outro é que vai mobilizar os processos de percepção e memória.

O processo de aprender gera modificações cerebrais, por isso, acredita-se que a Neurodidática ou a Neuropedagogia possibilitam aos educadores desenvolver novas estratégias pedagógicas (FRIEDRICH, 2006). São muitas as estratégias que podem possibilitar ao educando a estabelecer relações significativas no movimento de aprender e desenvolver suas múltiplas competências.

A sociedade atual é dinâmica e a criança e o adolescente, geralmente, está sempre em contato com recursos comunicativos criativos e envolventes que desafiam nossas metodologias e nossos instrumentos de ensino-aprendizagem. A música é um desses recursos.

O desenvolvimento das habilidades do aluno está intimamente relacionado aos seus sentimentos de competência e autoconfiança. Por isso, torna-se importante que a criança desenvolva essas competências em um ambiente em que ela se sinta segura e respeitada em suas singularidades. E um elemento aqui valorizado é a relação afetiva presente na relação professor-aluno, pois a afetividade pode determinar o desejo de aprender. Segundo Maciel (1999), é através de relações de confiança e de uma negociação permanente que a criança é incentivada a criar suas próprias hipóteses acerca dos significados envolvidos na atividade e desafiar suas limitações.

Como a música apresenta uma forte ligação com as emoções, ela pode propiciar um ambiente favorável à aprendizagem na sala de aula.

Atividades como desenhar as músicas que ouvem, construindo associações entre os sons ouvidos e os movimentos do lápis no papel; utilizar cartões com trechos de músicas conhecidas pelos alunos e selecionar para cada uma delas uma palavra específica que

deve ser a pista para que as equipes descubram qual é a música, são situações que provavelmente ajudam o aluno no desenvolvimento da concentração. Além disso, a utilização da música, adequada ao momento, no ambiente da sala de aula, pode ser apreciada pelos alunos enquanto trabalham em tarefas não-verbais, estabelecendo um ambiente positivo de aprendizagem.

A este respeito Relvas (2007, p. 107) diz: “Os estímulos ambientais constituem a base neurobiológica da individualidade do homem. Fica claro então que as mudanças ambientais interferem na plasticidade cerebral e consequentemente na aprendizagem”.

Deve-se valorizar o estabelecimento de relações significativas entre os conhecimentos trabalhados no contexto pedagógico e os saberes vivenciados na sua realidade social. É essa relação que dá sentido ao aprendizado, uma vez que os saberes trabalhados constituem e são constituídos, ao mesmo tempo, pelos processos psicológicos do indivíduo.

Não há separação entre mundo social e mundo psicológico e é nesse espaço que a aprendizagem acontece.

Nas escolas abertas às diferenças e capazes de ensinar a todos, os educandos demandam, portanto, uma re-significação e uma reorganização total dos processos de ensino e de aprendizagem (MANTOAN, 2002). Pois, cada aluno tem desempenhos muito diferentes na relação com o conhecimento e a prática escolar deve buscar reconhecer essa diversidade para assegurar respeito aos diferentes sujeitos e possibilitar avanços em seu processo de ensino-aprendizagem.

É importante para nós, educadores, não só reconhecer as múltiplas competências e habilidades em nosso sistema mente/corpo, mas compreender que é possível criar, no espaço escolar, “ambientes facilitadores” para que todos os alunos tenham a oportunidade de explorar e desenvolver essas habilidades.

A MÚSICA COMO RECURSO NEURODIDÁTICO

A aprendizagem está envolvida em múltiplos fatores, que se implicam mutuamente e que embora possamos analisá-los separadamente, fazem parte de um todo que depende, quer na sua natureza, quer na sua qualidade, de uma série de condições internas e externas ao sujeito.

No entanto, para a Psicologia, o conceito de aprendizagem não é tão simples assim. “Há diversas possibilidades de aprendizagem, ou seja, há diversos fatores que nos leva a

aprender um comportamento que anteriormente não apresentávamos um crescimento físico, descobertas, tentativas e erros, ensino, etc.” (BOCK, 1999, p. 114)

A aprendizagem é um fenômeno extremamente complexo, envolvendo aspectos cognitivos, emocionais, orgânicos, psicossociais e culturais. A aprendizagem é resultante do desenvolvimento de aptidões e de conhecimentos, bem como da transferência destes para novas situações.

O autor ainda friza que (p. 117), “o processo de organização das informações e de integração do material à estrutura cognitiva é o que os cognitivistas denominam aprendizagem.”

A abordagem cognitivista diferencia a aprendizagem mecânica da aprendizagem significativa. Bock (1999, p. 117) destaca que “a aprendizagem mecânica refere-se à aprendizagem de novas informações com pouca ou nenhuma associação com conceitos já existentes na estrutura cognitiva.”

Já a aprendizagem significativa, segundo a autora, processa-se quando um novo conteúdo (idéias ou informações), relaciona-se com conceitos relevantes, claros e disponíveis na estrutura cognitiva, sendo assim assimilado.

É necessário refletir que cada indivíduo apresenta um conjunto de estratégias cognitivas que mobilizam o processo de aprendizagem. Em outras palavras, cada pessoa aprende a seu modo, estilo e ritmo. Embora haja discordâncias entre os estudiosos, estes são quatro categorias representativas dos estilos de aprendizagem.

O conhecimento pode ainda ser aprendido como um processo ou como um produto. Quando nos referimos a uma acumulação de teorias, idéias e conceitos o conhecimento surge como um produto resultante dessas aprendizagens, mas como todo produto é indissociável de um processo, podemos então olhar o conhecimento como uma atividade intelectual através da qual é feita a apreensão de algo exterior à pessoa.

Percebe-se que o valor educativo da música para a educação está claro, no entanto descobrir as formas como ela deve ser ministrada aos alunos e preparar adequadamente os professores para o desempenho desta tarefa é que ainda continua a ser um grande desafio para a educação brasileira.

Ao ingressar na escola, as crianças, de um modo geral, sentam-se para aprender a ler, escrever e contar. As escolas geralmente não apenas desconsideram três de quatro anos de aquisição de aprendizagens que ocorreram através do brincar, mas também isola as disciplinas das artes visuais, da dança, da música, do teatro. Ensinar e aprender música, como disciplina escolar é mais do que trabalhar uma área de conhecimento com seus objetivos e procedimentos específicos, é dar continuidade ao modo de aprender das

crianças antes de entrar na escola, sem romper tão bruscamente com as relações existentes entre a fala e o canto, o desenho e a escrita, para que as aprendizagens de Português, Matemática, Ciências, História, Geografia, Educação Física, Música e demais modalidades da área de Arte permaneçam tão relacionadas quanto estavam antes do ingresso das crianças na escola.

Outro fator que deve ser considerado ao se inserir música nas escolas, tanto como disciplina quanto como facilitadora do processo ensino aprendizagem, diz respeito a pequena quantidade de professores especializados capazes de utilizar a música como forma de arte e de instrumento pedagógico.

Desse modo, a temática da disciplinaridade e das propostas curriculares diferenciadas, está relacionada, na atualidade, às várias discussões em torno de questões como os saberes escolares, as propostas dos Parâmetro Curriculares Nacionais e das Diretrizes Curriculares para a formação de professores, o questionamento da divisão entre os chamados conteúdos pedagógicos nos cursos de formação inicial e, ainda, a prática docente nas escolas.

Dado o caráter de construção social da fragmentação disciplinar, as propostas de estruturação curricular emergem nos dias atuais, enquanto possibilidades diversificadas que apontam para uma transformação pedagógica significativa nas escolas. Assim resta descobrirmos como inserir as práticas musicais na escola como arte e como instrumento de aprendizado.

Deve-se compreender-se e descobrir as relações entre música e as demais disciplinas ou áreas curriculares colocando em voga a questão da interdisciplinaridade.

Assim, levanta-se também o aspecto do trabalho conjunto entre professores das demais disciplinas e professores de música.

O termo interdisciplinar pode assustar um pouco aqueles que temem o retorno de um trabalho polivalente, nos moldes da Educação Artística, sendo também criticado por aqueles que defendem a importância de que o trabalho realizado na disciplina música seja realizado apenas pelos especialistas.

A esse respeito Figueiredo afirma:

Parece que temos uma situação ainda sem soluções: O professor especialista em música não está atuando em todas as séries escolares ou quando está presente atua com uma carga horária mínima em sala de aula, por outro lado, o professor generalista está todo tempo com as crianças na escola e poderia tirar proveito desta experiência integradora em educação. A integração, interdisciplinaridade, trabalhos em conjunto, retomam alguns aspectos da polivalência e uma grande parte dos professores abomina tal ideia. A possibilidade de integração das áreas não significa que os professores nas escolas estarão invadindo territórios alheios, mas sim, aponta para uma educação mais significativa, sem tanta fragmentação, que leve em

conta os saberes da humanidade, incluídas as artes nestes saberes. (FIQUEIREDO, 2001, p.34-35)

Acredita-se que, não apenas equipes formadas por profissionais de diferentes áreas, podem realizar trabalhos conjuntos, colaborativos e/ou integrados, mas no contexto escolar, á professor possa realizar tal trabalho, uma vez que, especialmente nas escolas públicas, em geral ela é a única responsável pelo ensino dos conteúdos escolares de todas as disciplinas. Assim, concorda-se que a música esteja presente no espaço escolar, enquanto área do conhecimento, ministrada pelo professor de musicalização integrado aos professores das demais áreas. Mas nas instituições onde o especialista não é encontra, acredita-se que o trabalho com a música pode ser realizado pelo professor de qualquer outra disciplina de maneira relacionada, uma vez que a fragmentação disciplinar não está estabelecida, nem na carga horária e nem como profissionais específicos, trabalhando áreas diversificadas e sem diferentes perspectivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo compreender o uso da música e a contribuição da neurodidática no processo ensino aprendizagem. A música está ligada ao ser humano desde muito cedo e que sem ela o mundo se tornaria vazio e sem espírito. A música é uma arte que vem sendo esquecida, mas que deve ser retomada nas escolas, pois ela propicia ao aluno um aprendizado global, emotivo com o mundo. Na sala de aula, ela poderá auxiliar de forma significativa na aprendizagem.

É necessário que os professores se reconheçam como sujeitos mediadores de cultura dentro do processo educativo e que levem em conta a importância do aprendizado das artes no desenvolvimento e formação das crianças como indivíduos produtores e reprodutores de cultura. Só assim poderão procurar e reconhecer todos os meios que têm em mãos para criar, à sua maneira, situações de aprendizagem que dêem condições às crianças de construir conhecimento sobre música e dança.

A música é um instrumento facilitador do processo de ensino/aprendizagem, portanto deve ser possibilitado e incentivado o seu uso em sala de aula.

A aprendizagem é um fenômeno extremamente complexo, envolvendo aspectos cognitivos, emocionais, orgânicos, psicossociais e culturais. A aprendizagem é resultante do desenvolvimento de aptidões e de conhecimentos, bem como da transferência destes para novas situações.

A estrutura cognitiva do aluno tem que ser levada em conta no processo de aprendizagem. Os conhecimentos que o aluno apresenta e que correspondem a um percurso de aprendizagem contínuo são fundamentais na aprendizagem de novos conhecimentos.

São os conhecimentos que o aluno já possui que influenciam o comportamento do aluno em cada momento, uma vez que disponibiliza os recursos para a aptidão.

É necessário refletir sobre o que é o conhecimento e perceber que é algo de complexo que deve ser entendido como um processo de construção e não como um espelho que reflete a realidade exterior.

O professor deve utilizar as estratégias que permitam ao aluno integrar conhecimentos novos, utilizando para tal métodos adequados e um currículo bem estruturado, não esquecendo do papel fundamental que a motivação apresenta neste processo.

As técnicas de incentivo que buscam os motivos para o aluno se tornar motivado, proporcionam uma aula mais efetiva por parte do docente, pois ensinar está relacionado à comunicação.

O ensino só tem sentido quando implica na aprendizagem, por isso é necessário conhecer como o professor ensina e entender como o aluno aprende, só assim o processo educativo poderá acontecer e o aluno conseguirá aprender a pensar, a sentir e a agir.

Não há aprendizagem significativa sem uso de recursos que leve o aluno a sentir prazer pelo que está sendo aprendido.

Hoje os estudos apontam para novas estratégias, novas formas de pensar a educação, uma vez que a neurodidática prevê um olhar minucioso sobre as várias formas de aprender.

Sabe-se que o ser humano busca constantemente compreender sua essência/existência, uma capacidade de perceber-se, sentir e aprender conteúdos que lhe serão importantes para vida diária.

No contexto sala de aula o professor propõe atividades cognitivas com o aprendiz, mas escuta também formando assim um laço envolvidos na aprendizagem. Assim neurociência contribui para melhor compreensão do professor quanto a aprendizagem de seus alunos, uma vez que, cada um tem ritmo e singularidade própria para a aprendizagem.

Ao aprender o sujeito acrescenta aos conhecimentos que possui novos conhecimentos, fazendo ligações àqueles já existentes. E durante o seu trajeto educativo tem a possibilidade de adquirir uma estrutura cognitiva clara, estável e organizada de forma

adequada, tendo a vantagem de poder consolidar conhecimentos novos, complementares e relacionados de alguma forma.

O principal objetivo da educação é o de levar o aluno com um certo nível inicial a atingir um determinado nível final. Se conseguir fazer com que o aluno passe de um nível para outro, então terá registrado um processo de aprendizagem.

Cabe aos educadores proporcionar situações de interação tais, que despertem no educando motivo para interação com o objeto do conhecimento, com seus colegas e com os próprios professores.

Porque, mesmo que a aprendizagem ocorra na intimidade do sujeito, o processo de construção do conhecimento dá-se na diversidade e na qualidade das suas interações.

Por isso a ação educativa da escola deve propiciar ao aluno oportunidades para que esse seja induzido a um esforço intencional, visando resultados esperados e compreendidos.

E a música é recurso legítimo e estimulante que na maioria das vezes desperta maior interesse do aluno, assim como sua capacidade de raciocínio, criatividade e socialização, entretanto para produzir tais efeitos precisa ser ministrada de forma coesa e adequada.

A busca de novas metodologias de ensino é necessária, uma exigência das transformações nos contextos atuais. Neste contexto o uso da música mostra-se bastante eficaz pois ela vai além da motivação, ela auxilia na aquisição de conhecimento onde o aluno aprende se divertindo.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, C. S. G. B. **Aprendizagem e subjetividade: um estudo de caso baseado na perspectiva histórico-cultural**. Fórum Crítico da Educação, Rio de Janeiro, v. 2, n.1, p. 43-63, 2003.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais PCN- vol.6 – Artes**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BOCK, Ana M. Bahia (org). **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

CAMPBELL, L. **Ensino e aprendizagem por meio das inteligências múltiplas**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas Sul, 2000.

DUCOURNEAU, Gérald. **Introdução à musicoterapia**. São Paulo: Manole, 1984.

ESTEVÃO, Vânia Andréia Bagatoli. **A importância da música e da dança no desenvolvimento infantil**. Assis Chateaubriand – Pr, 2002. 42f. Monografia

(Especialização em Psicopedagogia) – Centro Técnico-Educacional Superior do Oeste Paranaense – CTESOP/CAEDRHS.

FARIA, Márcia Nunes. **A música, fator importante na aprendizagem.** Assis Chateaubriand – Pr, 2001. 40f. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) – Centro Técnico-Educacional Superior do Oeste Paranaense – CTESOP/CAEDRHS.

FRIEDRICH, G. **Educar com a cabeça.** Revista Viver mente & cérebro, São Paulo, ano 14, n. 157, p. 50-57, fev. 2006.

FONSECA, Vitor da. **Cognição, neuropsicologia e aprendizagem: abordagem neuropsicológica e psicopedagógica,** 2. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2008.

GAINZA, V. Hemsy de. **Estudos de Psicopedagogia Musical.** São Paulo: Summus, 1988.

GARDNER, H. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1995. (Monografia Bárbara)

LEAL, G. Aprender a ensinar. Revista Viver mente & cérebro, São Paulo, ano 14, n. 157, p. 40-49, fev. 2006.

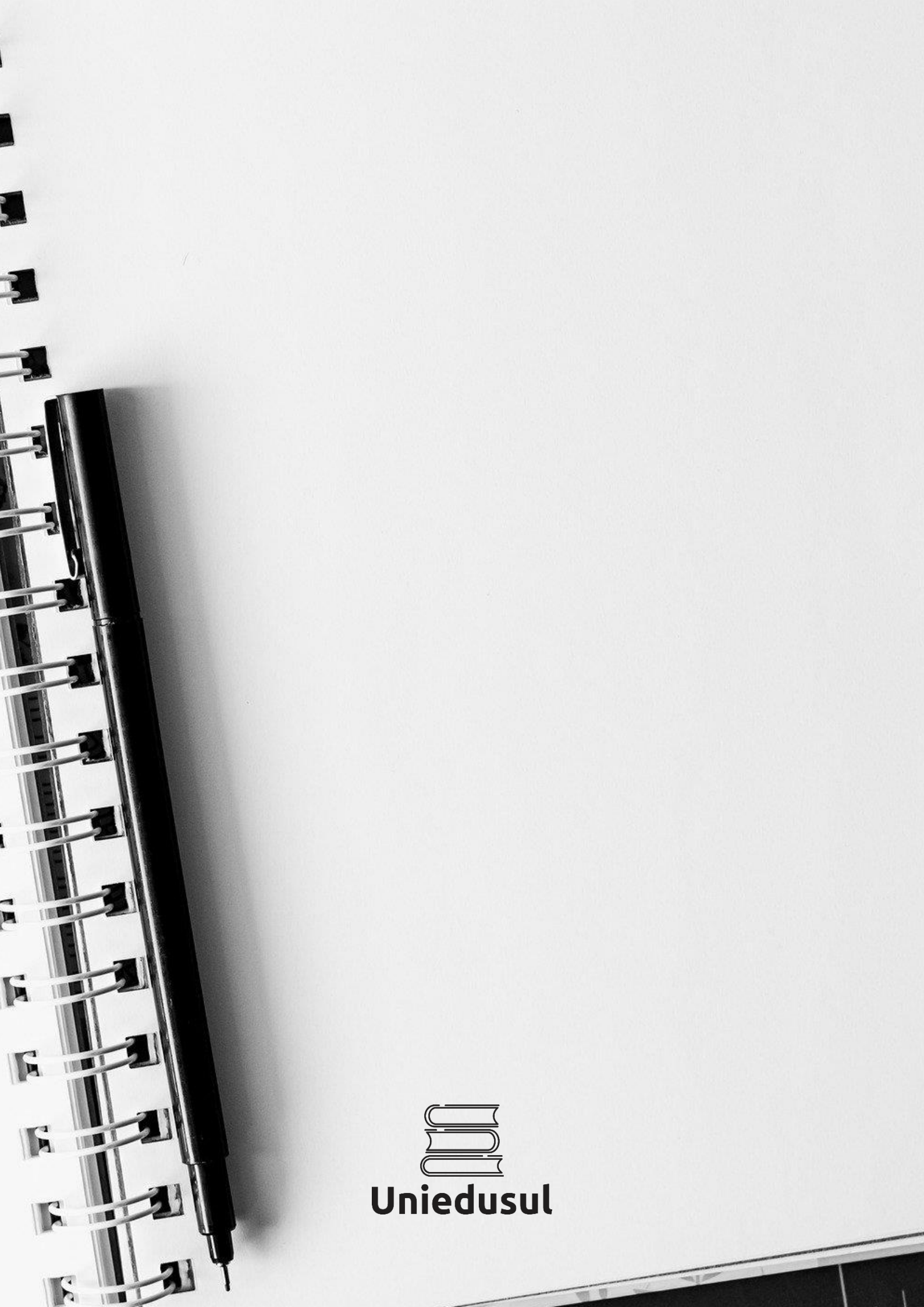
LBD. **Lei de Diretrizes e Base** nº 9394, de 1966.

MACIEL, D. A. **A co-construção da subjetividade no processo de aquisição da leitura e da escrita.** In: PAZ, M. G. T.; TAMAYO, A. (Orgs.). Escola. Saúde e trabalho: estudos psicológicos. Brasília: UnB, 1999. p. 23-52.

MANTOAN, M. T. E. **Ensinando a turma toda - as diferenças na escola.** Pátio, Porto Alegre, ano 5, n. 20, p. 18-28, fev./abr. 2002.

RELVAS, Marta Pires. **Neurociências e transtornos de aprendizagem: as múltiplas eficiências para uma educação inclusiva.** Rio de Janeiro: Wak, p. 2007.

STEFANI, Gino. **Para entender a música.** Rio de Janeiro: Globo, 1987.



Uniedusul